

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Mestrado em Educação Pré-Escolar e

Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio

Promoção de Práticas de Igualdade Social na Escola

Adriana Sofia de Oliveira Pereira Sequeira

Porto,

2018

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Mestrado em Educação Pré-Escolar e

Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio

Promoção de Práticas de Igualdade Social na Escola

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
para obtenção de grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo
do Ensino Básico

Orientadora: Doutora Florbela Maria da Silva Samagaio Gandra

Discente: Adriana Sofia de Oliveira Pereira Sequeira

Porto,

2018

Agradecimentos

Terminou mais uma etapa na minha vida. Esta fase é deveras importante na minha vida e na vida dos que me rodeiam. Contudo, sem eles esta fase nunca se teria realizado

À Minha Família, em especial à minha mãe, pai e irmã. A eles um enorme obrigada por me darem todas as oportunidades para ter sucesso na vida, por acreditarem em mim e acima de tudo por me ensinarem a lutar e nunca baixar a cabeça perante as dificuldades. Espero que com o término desta etapa os orgulhe e faça compensar todos os esforços a que se submeteram para me proporcionar uma vida melhor. A eles dedico todo o meu amor e este trabalho.

Ao meu leal companheiro, Ionut Bogdan Iordanescu, por todo o apoio, paciência, amor e confiança que depositou em mim. Obrigada por me animares sempre, por nunca me deixares desistir, por me fazeres ver sempre o lado bom da vida. Sem ti, nada seria possível.

À minha querida avó, Carlota, que ficou radiante por saber que teria uma neta na faculdade e professora. A ela agradeceu, por mesmo lá no céu, ter continuado a olhar por mim e dar-me força para continuar nos momentos mais difíceis.

À Doutora Florbela Samagaio, por toda a sabedoria, apoio e desafios que me proporcionou ao longo da investigação e que me fizeram crescer tanto como profissional como pessoa. Agradeço-lhe por todos os incentivos e paciência perante as minhas dificuldades

À minha amiga de infância, Patrícia Sousa, por todo o apoio que me proporcionou ao longo desta fase, pela paciência em ouvir os meus desabafos e por me animar sempre.

À minha querida Isabel Carneiro, por toda a sabedoria e toda a disponibilidade para me ajudar.

Às minhas amigas, Sofia Moreira, Bruna Quintela, Helena Fonseca, Laetitia Camelo, Ana Cardoso, Joana Azevedo e Sara Azevedo que me acompanharam durante todo o meu percurso académico, que me proporcionaram muitos momentos de alegria e que foram fundamentais nesta fase final.

À Joana Loureiro, ao João Beires e à Maria Abreu por acreditarem no meu potencial e serem pessoas fantásticas que mudaram a minha vida.

Em especial, ao meu querido Tomás Beires, por me alegrar e me fazer crescer como profissional.

A todos os docentes, nomeadamente à Doutora Ana Pinheiro e à Doutora Ana Gomes, por todos os ensaiamentos ao longo das minhas práticas educativas.

Por último, quero agradecer às instituições cooperante, em especial à educadora Daniela Oliveira e à Professora Teresa Lage, por me acolherem da melhor forma possível, por me permitirem aprender com as suas sabedorias, bem como às crianças com quem tive o privilégio também de aprender. Todos foram fundamentais para a elaboração deste relatório.

Resumo

O presente relatório de estágio foi concebido no âmbito da unidade curricular da autora do relatório no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

A investigação desenvolvida tem como objetivo dar a conhecer estratégias que poderão ser aplicadas, pelos docentes, em escolas de modo a promover a igualdade social no processo de aprendizagem. Também tem o propósito de compreender de que forma as desigualdades transportadas pelas crianças para a sala de aula poderá afetar o seu desenvolvimento escolar.

O relatório foi realizado com base numa metodologia qualitativa. Assim sendo, as técnicas escolhidas e utilizadas para a recolha de dados, contribuíram para clarificar alguns objetivos e questões estabelecidas no início da investigação. Foram utilizadas análises documentais, entrevistas, observações e a aplicação de estratégia de inclusão e promoção de igualdade.

Em suma, as desigualdades sociais estarão sempre presentes nas sociedades e na vida das crianças, contudo é essencial os educadores/professores conhecerem na integra os seus alunos e adotarem uma pedagogia diferenciadora, de modo a que as desigualdades transportadas pelas crianças não se tornem num problema ou numa exclusão, mas sim numa mais-valia para o desenvolvimento da criança e para a obtenção do sucesso.

Palavras-Chave: Desigualdades Sociais; Promoção da Igualdade; Estratégias; Educação Pré-Escolar; Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico

Abstract

This internship report was conceived within the scope of the curricular unit of the author of the report in the Master's Degree in Pre-School Education and the First Cycle of Basic Education, in Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

The objective of the research is to present strategies that can be applied by teachers in schools in order to promote social equality in the learning process. It also aims to understand how inequalities carried by children to the classroom may affect their school development.

The report presents a qualitative methodology. Therefore, the techniques chosen and used for the collected data contributed to clarify some objectives and answer some questions established at the beginning of the research. Documentary analyzes, interviews, observations and the application of a strategy of inclusion and promotion of equality were used.

In sum, social inequalities will always be present in the lives of children, but it is essential for educators / teachers to get to know their pupils fully and to adopt a differentiated pedagogy so that the inequalities carried by children do not become a problem or an exclusion, but rather an added value for the development of the child and for success achievement.

Keywords: Social differences; Promotion of Equality; Strategies; Pre-School Education; First Cycle of Basic Education

Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos

ACM – Alto Comissariado para as Migrações

ATL - Atividades de Tempos Livres

CEB – Ciclo do Ensino Básico

DGE – Direção-Geral do Ensino

ESEPF – Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

IPSS- Instituição Particular de Solidariedade Social

LSBE – Lei de Bases do Sistema Educativo

MEM - Movimento Escola Moderna

NEE – Necessidades Educativas Especiais

OEI – Organização de Estudo Ibero-americanos

OCEPE – Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar

QI – Quociente de Inteligência

PE – Projeto Educativo

PES – Prática de Ensino Supervisionado

PNL - Plano Nacional de Leitura

TEIP – Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

Índice

Introdução	1
Capítulo 1: Escola, Educação e (Des)Igualdades	3
1. Enquadramento Teórico	3
1.1 Evolução do Sistema Educativo em Portugal	3
1.2 Desigualdades Sociais	7
1.3 (In) Sucesso Escolar como forma de (des)igualdade.....	9
1.4 A escola e a cidadania	12
1.5 As minorias étnicas e o caso da comunidade cigana como categoria social vulnerável à desigualdade no sucesso escolar	15
Capítulo 2 - Papel do Educador e do Professor do 1ºCEB.....	18
2. Papel do Educador e do Professor em contexto Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico	18
2.1 Papel do Educador em contexto Pré-Escolar	18
2.2 Papel do Professor em contexto 1ºCEB	20
Capítulo 3: Metodologias Utilizadas na Investigação	23
3.1 Metodologia	23
Capítulo 4: Contextos de Investigação	27
4. Caracterização dos Contextos de Investigação.....	27
4.1 Breve caracterização da Instituição A	27
4.2 Breve caracterização da Instituição B	31
Capítulo 5: Análise dos Dados sobre Práticas Promotoras de Igualdade em Contexto Escolar	34
5.1 A promoção da igualdade social e inclusão no âmbito do Pré-Escolar.....	34
5.2 A importância da escola e entendimento do sucesso escolar no 1º CEB: escutar as crianças	36

5.3 As metodologias utilizadas em sala para promoção do sucesso escolar no âmbito do 1º CEB	42
5.4 Estratégias de Práticas de Promoção de Igualdade.....	42
5.4.1 Instituição A – Pré-Escolar.....	43
5.4.2 Instituição B – 1º CEB.....	48
6. Considerações Finais.....	53
7. Referências Bibliográficas	57
Anexos.....	63
Anexo 1: Entrevista à educadora, da mista 4, da Associação de Solidariedade Social de Mãos Dadas	64
Anexo 2: Entrevista aos alunos do 2º B do Centro Escolar EB1/JI de Costa Cabral.....	66
Anexo 2.1: Grelha de Análise à Entrevista aos alunos do 2º B do Centro Escolar EB1/JI de Costa Cabral.....	89
Anexo 3: Entrevista à professora do Centro Escolar EB/1 JI Costa Cabral.....	94
Anexo 4: Inquérito aos Encarregados de Educação das crianças Mista 4 da instituição Associação de Solidariedade Social de Mãos Dadas.....	96
Anexo 5: Grelha de observação do grupo de criança sala mista 4 da instituição A.....	99
Anexo 6: Grelha de observação dos alunos do 2ºB da Instituição B.....	105
Anexo 7: Grelha de Observação dos Comportamento e Atitudes dos alunos do 2ºB da Instituição B.....	108
Anexo 8: Registos de observação sobre a evolução do aluno de etnia cigana da instituição B.....	110
Anexo 9: Nota de campo: Caracterização dos Filmes visionados na prática profissional.....	113
Anexo 10: Momentos de Partilha.....	115
Anexo 11: Maquetes Aldeia VS Cidade.....	115
Anexo 12: Momentos de leitura	116
Anexo 13: Momentos de brincadeira	116
Anexo 14: Casamento.....	117

Anexo 15: Atividades de equilíbrio.....	117
Anexo 16: Atividades de Sinalização.....	118
Anexo 17: Atividades de plantação.....	118
Anexo 18: Plantação de Feijão.....	118
Anexo 19: Estratégias de práticas promotoras da inclusão.....	119

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Habilitações dos Pais e Material que partilham em sala.....	30
Tabela 2 - Estratégias pedagógicas de promoção de igualdade e inclusão, aplicadas na Instituição A.....	44
Tabela 3 - Estratégias pedagógicas de promoção de igualdade e inclusão, aplicadas na Instituição B.....	48

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Habilitações das Mães da sala mista 4 da Instituição A.....	29
Gráfico 2 – Habilitações dos Pais da sala mista 4 da Instituição A.....	29
Gráfico 3 – Habilitações dos Pais do 2ºB da Instituição B.....	33
Gráfico 4 – Habilitações das Mães do 2ºB da Instituição B.....	33

Índice de Figuras

Figura 1: Dimensão média das famílias em Portugal.....	38
Figura 2: Perceções das crianças, do 2ºB, mais regulares em relação às questões da entrevista.....	41

Introdução

O presente relatório, inserido no desenvolvimento do Projeto de Investigação, no âmbito do Mestrado em Ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti (ESEPF), tem como intuito compreender “De que forma o educador/professor pode promover a igualdade na aprendizagem.”

O tema selecionado incide sobre a “Promoção de Práticas de Igualdade Social na Escola”, uma vez que o interesse na escolha do tema surgiu ao analisar o fenómeno do insucesso escolar e ao perceber que existem fatores sociais que condicionam o desempenho das crianças na escola e na sala de aula. Desta forma foi formulada uma pergunta de partida, de modo a suportar o desenvolvimento do trabalho: **Que estratégias utilizar em sala de aula, de modo a proporcionar igualdade no processo de aprendizagem?**

Na atualidade, em que a sociedade é composta por diversos estratos sociais é, no nosso ponto de vista como futura docente, fulcral compreender que fatores exteriores afetam o sucesso escolar dos alunos e procurar soluções que combatam esses obstáculos ao sucesso escolar.

Na contemporaneidade verifica-se diversidade social e cultural, contudo estas proporcionam muitas vezes desigualdade social. Desta forma, as crianças, têm de ser preparadas e desenvolvidas com todas as condições essenciais para se desenvolverem e atingirem o sucesso, bem como, terem direito às mesmas oportunidades. Perante esta vertente, é pretendido com esta investigação, perceber se nas escolas, seja no Pré-Escolar, como no 1º CEB, existem estratégias de promoção de igualdade de oportunidades de aprendizagem e de que modo são aplicadas/operacionalizadas. Também com esta investigação, para além de compreender se é promovida e aplicada a promoção de igualdades de aprendizagem, também visamos perceber se a falta desta afeta o desenvolvimento e sucesso escolar da criança.

Esta investigação centrou-se na observação do o das crianças em contexto Pré-escolar e em 1ºCEB, pretendendo perceber se o seio familiar, bem como o meio exterior onde as crianças estão inseridas, afetam o seu percurso escolar. Posto isto, ao longo da

investigação pretendemos responder às seguintes questões: Em que medida as desigualdades sociais afetam o percurso escolar das crianças? Em que medida os fatores externos à instituição escolar interferem com a aprendizagem, bem como com o sucesso escolar? De que forma a instituição e os educadores/professores podem combater as desigualdades sociais dentro da escola? Que estratégias utilizar em sala de aula, de modo a proporcionar igualdade no processo de aprendizagem?

As instituições que suportaram as práticas profissionais assim como a investigação, no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionado (PES) foram a Associação de Solidariedade Social de Mãos Dadas e o Centro Escolar EB1/JI de Costa Cabral. A primeira instituição é uma instituição particular de solidariedade social (IPSS), sem fins lucrativos, cuja sua localização é na Urbanização Mãos à Obra, Rio Tinto. A segunda instituição é uma instituição pública, do distrito do Porto, a qual se situa, por sua vez, na Rua de Costa Cabral, Porto.

A organização interna do presente relatório de estágio, divide-se em seis capítulos.

Os primeiros dois capítulos remetem para um enquadramento teórico, onde é possível encontrar, especificamente no primeiro capítulo, uma perspetiva histórica sobre o sistema educativo em Portugal, uma compreensão dos aspetos das desigualdades sociais, do (in)sucesso escolar, do papel da escola, bem como da comunidade cigana. Relativamente ao segundo capítulo é abordado o papel do educador e professor em contexto pré-escolar e 1º CEB.

No terceiro capítulo é apresentada a metodologia, em que são descritos os instrumentos utilizados durante a investigação, sendo que esta investigação foi desenvolvida numa articulação entre a pesquisa e a prática profissional permitindo observar e registar os elementos fundamentais para a análise.

No quarto capítulo são caracterizados os contextos que suportaram a investigação, pré-escolar e 1º CEB. No quinto capítulo encontra-se a análise e discussão dos dados obtidos, bem como algumas estratégias de promoção de igualdade desenvolvidas durante a investigação.

Por último, no sexto capítulo segue-se a conclusão da investigação, que abrange o consenso a que se chegou com o decorrer da investigação.

Capítulo 1: Escola, Educação e (Des)Igualdades

1. Enquadramento Teórico

1.1 Evolução do Sistema Educativo em Portugal

No período de 1960 a 2000 é possível, segundo Organização de Estados Ibero-americanos (2003) (OEI), constatar duas fases de evolução do sistema educativo português.

A primeira rege-se entre 1960 a 1974, com as reformas estabelecidas. Neste período há uma abertura do sistema devido à tomada de consciência dos níveis de escolaridade baixos a nível da educação que o país atravessa.

A segunda ocorre entre 1974 a 2000, em que o sistema educativo concentra-se em novos desafios e transformações a vários níveis.

Segundo David Justino, citado por Maria de Lurdes Rodrigues, este, também, estabelece duas fases do processo de educação do sistema nacional do ensino em Portugal:

“- 1950-1995, fase de construção e crescimento da escola em massas, em que as políticas de alargamento da escolaridade obrigatória surgem como resposta a dinâmicas sociais e culturais.

- 1995 até à atualidade, fase de qualificação da escola de massas, que surge como resposta às influências que marcaram a anterior fase de massificação e cujo principal desafio é o combate às altas taxas de insucesso e abandono escolares registadas em Portugal, consideradas as principais causas impeditivas do pleno cumprimento da escolaridade obrigatória.” (David Justino, cit por Maria de Lurdes Rodrigues, 2015, p.18)

Em 1956, o Dec.-Lei nº 40964, de 31 de Dezembro, estabeleceu a obrigatoriedade escolar para quatro classes para as crianças do sexo masculino. Posteriormente, em 1960, através do Dec.-Lei nº 42994, de 28 de Maio é que a escolaridade obrigatória se estendeu aos menores de idade do sexo feminino. Sendo que até à data se vivenciava uma desigualdade social a nível de géneros e de oportunidades. *“Tais desigualdades de género entrecruzam-se com outro tipo de discriminação e de violência de que as mulheres são alvo no mercado de trabalho”* (Dias, 2008, p. 11).

Em 1964 foi promulgado a escolaridade obrigatória para seis anos, pelo Decreto-Lei nº 45810, de 9 de Julho, que viera alterar a política de educação na Constituição de 1933.

A partir deste ano tentou-se inculcar duas ideias fundamentais para o desenvolvimento escolar, sendo estas a igualdade de oportunidades do acesso, assim como, a criação de boas condições para o aproveitamento escolar. No entanto, apenas em 1970, com o Ministério de Veiga Simão é que se tentou lançar as bases deste sistema, ou seja, tentou democratizar o ensino e efetivar a escolaridade obrigatória básica e gratuita.

“E a educação, «esse bem precioso», deveria ser concedida a todos os Portugueses numa base meritocrática, para permitir aos mais capazes a integração na elite da Nação, independentemente de determinantes sociais e económicas”. (Stephen Stoer, 2008, p. 803)

O princípio de igualdade de oportunidades, com o passar do tempo, foi posto em prática e tornou-se *“um princípio essencial de justiça: a escola é justa porque cada um pode obter sucesso nela, em função de seu trabalho e de suas qualidades”* (Dubet, 2004, p.541)

Até ao ano de 1974, foram implementados os serviços essenciais, nomeadamente no que concerne ao ensino preparatório, posteriormente a 1974, alargou-se o apoio ao ensino primário. Estes apoios centravam-se em subsídios, como os de alimentação.

No decorrer dos seguintes anos, foi possível constatar a tentativa de promover o alargamento da escolarização obrigatória subjacente às finalidades da educação e aos valores da sociedade. Porém diversas barreiras impediram a realização da reforma. Esta reforma de Veiga Simão visava defender o princípio das igualdades de oportunidades, para que passasse a coexistir uma educação justa.

No ano de 1978, foi suprimida a divisão entre o ensino técnico e o ensino liceal e substituída pelo ensino secundário unificado, que corresponde ao 7º, 8º e 9º ano de escolaridade. Esta supressão deveu-se à necessidade de redução de diferenças sociais e à promoção das igualdades de oportunidades.

Durante dez anos, 1976 a 1986, viveu-se a fase de normalização democrática, fase esta que é caracterizada por três aspetos:

“1) acabado o ciclo revolucionário, privilegiam-se os aspectos curriculares, técnicos e profissionais, em detrimento das ideologias;

2) toma-se consciência de que a expansão do sistema educativo pode criar efeitos perversos, nomeadamente em relação à qualidade desse ensino;

3) o bloqueio estrutural da economia portuguesa vai impedindo sucessivamente a reforma do sistema educativo.” (OEI – Ministério da Educação de Portugal, 2003, p.23)

No decorrer deste último ano, 1986, é publicada e aprovada, a 14 de outubro do referente ano, a Lei de Bases do Sistema Educativo (LSBE). Esta estabelece o quadro geral do sistema educativo e tem como objetivo o desenvolvimento da educação e do sistema educativo.

Neste documento são estipulados vários direitos, como por exemplo o direito: à educação e à cultura para todas as crianças; a uma igualdade de oportunidades; à liberdade de aprender; à formação de todos os adultos e jovens que abandonaram o ensino recorrente, bem como o direito ao melhoramento da educação da população global.

“a uma justa e efetiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares, bem como o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, (...) formando cidadãos capazes de julgarem, com espírito crítico e criativo, o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva” (Lei n.º 46/86, de 14 de outubro)

É também estabelecido que, o ensino básico para além de se manter universal, obrigatório e gratuito, passe a ter a duração de nove anos, ou seja, o 7º, 8º e 9º ano passam

a fazer parte de um leque de três ciclos, sendo estes três anos os últimos do ciclo do ensino básico.

Ainda na mesma Lei, no capítulo II no art.4, podemos ler que é reestruturado o sistema educativo, que passa a abranger a educação Pré-escolar, a educação escolar e a educação extraescolar.

A primeira visa complementar a ação educativa da família, a segunda abrange o ensino básico, secundário e superior, integrando modalidades e atividade de ocupação de tempos livre e por último, a terceira, destina-se a atividade de alfabetização e de iniciação e aperfeiçoamento profissional.

A Lei de Bases do Sistema Educativo Português foi alterada nos anos seguintes, em 1997, 2005 e pela última vez em 2009. As duas primeiras alterações centraram-se em questões relacionados com o acesso e financiamento do ensino superior e a última com questões relacionadas com o regime de escolaridade obrigatória para crianças e a consagração da universalidade da educação pré-escolar para crianças a partir dos 5 anos de idade.

A Lei-quadro da Educação Pré-Escolar, estabelece como princípio geral que:

“A educação pré-escolar é a primeira etapa ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário. Entre os muitos objetivos gerais destaca-se a necessidade de incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade.” (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro)

Em 1996 e 1999, foram criadas medidas de apoio educativo, onde se pode destacar o Programa Território Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP). Este programa, segundo a Direção-Geral da Educação (DGE), é implementado em agrupamentos de escolas ou escolas não agrupadas que se localizam em territórios economicamente e socialmente desfavorecidos, com o intuito de prevenir e reduzir o abandono escolar

precoce e o absentismo, de reduzir a indisciplina e de promover o sucesso educativo dos alunos.

Atualmente, está em vigor o TEIP3, cujos objetivos deste programa são: a melhoria da qualidade da aprendizagem e promoção do sucesso educativo dos alunos, o combate ao abandono escolar e às saídas precoces do sistema educativo, a criação de condições que beneficiem a diretriz educativa e a transição da vida escolar para a vida ativa e a articulação entre a escola, a família e a comunidade. (Magano, Mendes, Moreira e Costa, 2014, p.3)

1.2 Desigualdades Sociais

As desigualdades sociais são uma realidade de todas as sociedades e que fazem parte do nosso quotidiano. Estas podem se distinguir em vários tipos como a nível económico, social, étnico, cultural e género. A escola, neste contexto, possui um papel de promotor de igualdade social e de oportunidade.

Alain Bihr e Roland Pfefferkorn (2008), afirmam:

"Uma desigualdade social é o resultado de uma distribuição desigual, no sentido matemático da expressão, entre os membros de uma sociedade, dos recursos desta distribuição desigual que se deve às estruturas dessa sociedade e que faz nascer um sentimento, legítimo ou não, de injustiça entre os seus membros". (Alain Bihr e Roland Pfefferkorn, 2008, p.8 in Observatório das Desigualdade)

Como foi referido pelos autores anteriores, as desigualdades sociais resultam da má distribuição da riqueza. Esta discrepância afeta tanto o nível económico como o nível social, o que implica que haja um grupo na sociedade com mais recursos económicos. Sendo que estes recursos podem-se traduzir em facilidades no sistema educacional e no sistema da saúde que, por consequente, permite um maior estatuto social para com a restante sociedade. No entanto, existe um outro grupo da sociedade, oposto ao referido anteriormente, com menores recursos económicos, o que dificulta o acesso tanto ao sistema educacional como ao sistema de saúde. Este grupo, por efeito, tem um menor estatuto social para com a restante sociedade.

As diversas desigualdades sociais, podem levar à exclusão social, ou seja, uma pessoa com baixos rendimentos e com baixos níveis de literacia pode ser excluído da sociedade dado que não é visto no indivíduo nenhum fator que contribua para o desenvolvimento da sociedade.

O conceito de Exclusão Social segundo Alfredo Bruto da Costa, não está definido, devido ao facto de entre os diversos especialistas não existir uma unanimidade quanto ao sentido da expressão. Contudo, baseando-se em Robert Castel, este define a exclusão social *“como a fase extrema do processo de “marginalização”, entendido este como um percurso “descendentes”, ao longo do qual se verificam sucessivas rupturas na relação do indivíduo com a sociedade.”* (Bruto da Costa, 1998, p.10)

Para Diogo (2006), este conceito de Exclusão poderá ser considerado como a falta de direitos de cidadania e a emergência do indivíduo na individualização social, ou seja, trata-se de exclusão quando ocorre a rutura da ligação do indivíduo para com a sociedade.

Sendo assim, a exclusão social torna-se num fator prejudicial à formação do indivíduo. Dada a rutura, esta deixa de interagir com a sociedade e por consequente deixa de contribuir para a evolução da mesma, bem como a sociedade, de certa forma, deixa de contribuir e apoiar o indivíduo. Posto isto, é fulcral que a formação de cidadãos ativos e integração na sociedade seja desenvolvida desde cedo.

Contudo, uma vez que também estamos numa era digital, começa-se a sentir desigualdades e exclusões sociais face a este aspeto também. Há grupos sociais que têm acesso à tecnologia e os que não têm, sendo que este último grupo é o mais afetado, uma vez que dificulta a ingressão no mercado de trabalho. Esta dificuldade deve-se ao facto de uma das qualificações mais requisitadas no mercado de trabalho ser o manuseamento de tecnologias, dado que tudo se move cada vez mais em torno das tecnologias, como informações, o sistema de saúde e o sistema educacional. Este fator é promotor da integração na sociedade.

Bruto da Costa afirma que o desemprego é apresentado, de uma forma paradigmática, da exclusão social, fundamentando que o emprego é um dos principais mecanismos de integração social. Uma vez que estar desempregado não significa apenas estar privado de rendimentos, mas também privar-se dos vínculos mais importantes que o ligam à sociedade e à participação na economia da sociedade.

Contudo, a exclusão social poderá fazer-se sentir desde a infância, uma vez que as crianças são afetadas pelas condições materiais, económicas e relações sociais das suas famílias. Geralmente a exclusão nesta fase ocorre em crianças provenientes de ambientes familiares desfavorecidos, na qual são “*marginalizadas por falta de recursos materiais*”, no entanto, também a exclusão na infância pode ocorrer quando as mesmas não são ouvidas, nem os seus interesses são valorizados pelos adultos. (Davis & Hill, 2006, p.14)

1.3 (In) Sucesso Escolar como forma de (des)igualdade

Atualmente debate-se sobre o tema o sucesso e o insucesso escolar de acordo com diferentes fatores. Contudo é impensável discutir e abordar este tema sem antes perceber o significado, bem como a origem dos termos.

O sucesso é visto como algo bom, nomeadamente, como um resultado satisfatório. Porém o Insucesso é o oposto, um resultado insatisfatório do pretendido.

*“Sucesso significa melhor aprendizagem e mais competência.”
(Costa, 2016, DGE)*

O sucesso escolar de um aluno é atingido caso haja um ambiente favorável e propenso a isso. Deste modo é fulcral avaliar o aluno no seu todo, isto é: avaliar como um ser racional, tendo atenção ao seu Quociente de Inteligência (QI); avaliar as suas competências e gostos, dado que a sua personalidade e o empenho que dedica será revisto no resultado final; avaliar o meio envolvente do aluno, ou seja, o seu estatuto económico e sociocultural.

Outros autores para além dos referidos, acreditam que o meio envolvente da criança interfere com o sucesso e/ou insucesso escolar da mesma.

Segundo Benavente (1976), o insucesso escolar, passou a ser considerado como um problema amplo a todos os países da Europa Ocidental.

Abrantes (2009) refere que vários relatórios têm indicado que o insucesso permanece como fenómeno massivo, no sistema de ensino português, desde a escolaridade básica até ao secundário.

Benavente (1994) e Mendonça (2009) relatam que os valores mais elevados de insucesso escolar se concentram nos alunos provenientes de famílias operárias ou agrícolas e em famílias pouco escolarizadas. Ou seja, retratam que o insucesso escolar é um fenómeno que afeta, na sua maioria, as crianças de famílias de classes baixas.

No entanto, existem relatórios que constataram que as crianças provenientes de famílias de classes médias, continuam a estudar para além da escolaridade obrigatória, o que lhes permite ingressar em carreiras profissionais mais promissoras, ao contrário das crianças oriundas de famílias de classes mais baixas que, geralmente, não continuam os estudos para além da escolaridade obrigatória, o que as conduz a terminarem com profissões precárias.

Contudo o insucesso escolar, sendo um fenómeno educacional e social, possui causas interrelacionadas, segundo diversos autores:

Segundo Formosinho (2012), as causas do insucesso escolar podem centrar-se na falta de interesse do aluno, no ambiente familiar, no estatuto sociocultural e no nível do instituto de ensino e do sistema educativo.

Mendonça (2009), refere como causa do insucesso: o seio familiar, a estrutura e organização escolar e o género.

No entanto, Fernandes (1991) refere um conjunto de diversos fatores escolares que provocam o insucesso escolar, como o tipo de cursos e currículos, as estruturas e métodos de avaliação, a forma de agrupamento dos alunos, a preparação científica e a pedagogia dos professores.

Como foi constatado, existem diversos fatores que influenciam o sucesso ou o insucesso escolar da criança. Contudo há três fatores, afirmados por Mendonça (2009), que influenciam o insucesso escolar dos alunos: O enquadramento social dos alunos, a estrutura e organização escolar e o género.

Referente ao primeiro está implícito as condições socioeconómicas e culturais, no entanto a escola como promotora de igualdade desempenha um papel de ignorância no que concerne às diferenças culturais dos alunos, isto é, abstrai-se das diferenças para que não promova as desigualdades dentro da mesma.

Dentro ainda do primeiro fator estão inerentes as necessidades básicas, como por exemplo os alunos iniciarem a sua atividade escolar sem uma boa alimentação ou até mesmo a falta de uma alimentação. Também se pode incluir neste ponto a incapacidade de suportar custos, nomeadamente o vestuário e por último a necessidade de sobrevivência, isto é, devido à carência de rendimentos, os alunos vêm-se obrigados a abandonar os estudos para ingressarem no mercado de trabalho com o intuito de ajudar a aumentar o rendimento familiar.

No que concerne ao segundo fator, Estrutura e Organização Escolar, segundo Mendonça (2009), a escola não consegue permitir o sucesso a todos os alunos devido à carência de conteúdos a serem lecionados essenciais para a integração numa sociedade. Também a escola é uniforme nas suas exigências, isto é, apesar de acolher diversos alunos com diversas diferenças, exige o mesmo resultado e desempenho para todos, ignorando as necessidades de cada um, como por exemplo os ritmos de aprendizagem de cada aluno.

Segundo Maria de Lurdes Rodrigues (2017), o insucesso escolar nos primeiros anos de escolaridade é proveniente das dificuldades de aprendizagem de leitura, isto é, na investigação realizada pela autora, os dados indicam:

“que as crianças reprovam no segundo ano por não lerem bem, por não terem atingido os objetivos estabelecidos no programa no que respeita à leitura e à escrita, seja no domínio técnico de identificação e descodificação dos sinais, seja na compreensão da leitura ou do domínio do vocabulário.” (Maria de Lurdes Rodrigues, 2017, Associação EPIS, in Diário de Notícias)

A autora refere o maior problema da retenção precoce é o facto de os professores, apesar de terem consciência de que existem ritmos de aprendizagem diferentes, não utilizarem uma diferenciação pedagógica. Esta salienta ainda que deveriam atender as necessidades de cada aluno, de modo a nivelar a aprendizagem, isto é, de forma a que todos aprendam uniformemente de acordo com as suas necessidades e ritmos.

“O que explica o fenómeno da repetência precoce é, em primeiro lugar, as dificuldades de aprendizagem da leitura, é o facto de algumas crianças não aprenderem a ler nos tempos previstos nos programas de ensino. Em segundo lugar, a naturalização destas dificuldades, ou seja, a convicção partilhada nas escolas do insucesso de que “as crianças são

diferentes, e sempre haverá crianças que não aprendem ou que aprendem mais lentamente.” (Apresentação de Resultados do Projeto Aprender a ler e a escrever em Portugal, 2017, p.20., in Empresário pela Inclusão Social (EPIS))

Evidencia ainda outro problema relevante que advém de os professores considerarem a retenção como uma oportunidade de melhoria de aprendizagem, em vez de ajustarem as suas práticas e estratégias de modo a conduzir o aluno ao sucesso.

1.4 A escola e a cidadania

A DGE, nas linhas orientadoras para a educação da cidadania (2013), considera a cidadania como uma forma de estar em sociedade, salvaguardando e valorizando os direitos humanos, bem como os valores da igualdade e da justiça social.

“A cidadania traduz-se numa atitude e num comportamento, num modo de estar em sociedade que tem como referência os direitos humanos, nomeadamente os valores da igualdade, da democracia e da justiça social.” (DGE, 2013, p.1)

Segundo o Despacho n.º 6173/2016, a cidadania:

“integra um conjunto de direitos e deveres que devem ser veiculados na formação das crianças e jovens portugueses de modo que no futuro sejam adultos e adultas com uma conduta cívica que privilegie a igualdade nas relações interpessoais, a integração da diferença, o respeito pelos Direitos Humanos e a valorização de valores e conceitos de cidadania nacional.”

Este despacho vai de encontro à linhas orientadoras para a educação da cidadania, uma vez que também refere a importância do respeito pelos direitos humanos e a valorização pelos valores.

No mesmo despacho ainda é referido que a escola pública é o espaço apropriado para implementar uma estratégia de educação para a cidadania, onde deverá consolidar-se de forma a que todas as crianças tenham a oportunidade de experienciar e adquirir competências, bem como conhecimentos de cidadania, nomeadamente *“valores e conceitos de cidadania nacional, direitos humanos, igualdade de género, não discriminação, interculturalidade, inclusão das pessoas com deficiência, (...)”*

O Ministério da Educação, estabeleceu que a cidadania na infância poderá ser desenvolvida em prol das necessidades da comunidade educativa, de modo a responder aos objetivos predefinidos no projeto educativo de cada escola. Desta forma, é pressuposto que cada instituição aborde a cidadania na infância de acordo com as dinâmicas adotadas por cada instituição. Contudo, esta área não é uma disciplina obrigatória, porém é pressuposta a uma disciplina autónoma, como oferta educativa.

Para tal, o Ministério da Educação, dispõe de um documento, com linhas orientadoras (2013), para a educação para a cidadania. Neste documento, é explicado que a educação para a cidadania, tem como objetivo contribuir para a *“formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias”*, que têm consciência dos seus direitos e que os exerçam, bem como possuam respeito pelo próximo.

Deste modo, ainda no mesmo documento é definido que a escola constitua um papel fundamental no ensino- aprendizagem da cidadania, uma vez que é na escola que são refletidas as *“preocupações transversais”* à educação. Assim sendo, os diversos temas deverão ser abordados e desenvolvidos na escola, através das disciplinas, atividades e projetos, desde a educação pré-escolar até ao ensino secundário.

Segundo Oliveira Martins, citado por Teresa Vasconcelos na revista Saber & Educar, este afirma que a escola *“deve proporcionar a «cultura do outro» como «necessidade de compreensão de singularidades e diferenças»”* (Oliveira Martins, cit Teresa Vasconcelos, 2007, in revista Saber Educar, p.41)

Ainda no mesmo artigo é citado Oliveira Martins,

“a escola, «agente de mudança e factor de desenvolvimento (...) tem que se assumir basicamente não só como um potenciador de recursos, mas também como um lugar de abertura e de solidariedade, de justiça e de responsabilização mútua, de tolerância e respeito, de sabedoria e de conhecimento «” (Oliveira Martins, cit Teresa Vasconcelos, 2007, in revista Saber Educar, p.41)

Tal como é citado por Teresa Vasconcelos, a escola deve ser a base da mudança na sociedade, isto é, não deve preparar a criança só a nível de conhecimento científico, mas

também a nível de conhecimento da sociedade, uma vez que a criança é proveniente de uma sociedade com diversas culturas e diferenças.

Contudo a escola deverá manter a sua estrutura educacional, porém deverá apostar e investir em proporcionar às crianças: um ambiente de integridade, para que futuramente seja mais fácil a integração na sociedade; um ambiente de necessidade, isto é, transmitir às crianças que têm um papel fundamental tanto na escola como na sociedade que as rodeia.

“uma escola inteligente e situada, com capacidade e flexibilidade para se adaptar aos contextos complexos e difíceis que caracterizam as situações escolares contemporâneas. Uma escola projeta-se e desenvolve-se através do seu projeto educativo de escola: através da caracterização das suas potencialidades, da definição das suas metas, e finalidades e da definição das suas estratégias de ação (Neves, 2015, p. 241).

Estes investimentos servirão para melhorar a criança a nível pessoal e social, dado que se tornarão pessoas mais confiantes e autónomas o que lhes permitirá desempenhar um melhor papel como cidadãos.

“«um lugar é mais do que a soma das suas rotinas, regras, horários, resultados de avaliação (...) um lugar onde as crianças e os jovens sintam que são importantes, não instrumentalmente, porque estão presentes e fazem parte de um número determinado, mas existencialmente, porque se trata de uma paisagem em que elas têm significado e um sentido de pertença»” (Polakow, 1993, in saber educar Teresa Vasconcelos, p.159)

Referente aos fatores anteriores, segundo as Orientações Curriculares da Educação Pré-escolar (OCEPE), este já proporciona às crianças um conhecimento da sociedade, como se pode observar na área de conteúdo: Área de Formação Pessoal e Social, nomeadamente o tópico Convivência Democrática e Cidadania. Neste tópico é referido que as aprendizagens a desenvolver são:

- “ ▪ Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social.*
- Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros.*

- *Desenvolver uma atitude crítica e interventiva relativamente ao que se passa no mundo que a rodeia.*
- *Conhecer e valorizar manifestações do património natural e cultural, reconhecendo a necessidade da sua preservação.”* (Silva et al., OCEPE, 2016, p. 40).

Face a estes pontos, poderemos constatar que a educação no pré-escolar visa investir na integração, na socialização, na diversidade, no respeito, na convivência e no pensamento autónomo e crítico. Todos estes fatores referidos estão presentes numa sociedade.

Ao fomentar os fatores anteriores, está a evitar o surgimento das desigualdades sociais, dado que desde muito cedo são capaz de se integrar num grupo e conviver com os membros que o constituem, capazes de respeitar o outro, independentemente das suas diferenças a todos os níveis e autónomos o que por consequentemente estão aptos a desenvolver e a possuir um pensamentos crítico sobre qualquer assunto.

1.5 As minorias étnicas e o caso da comunidade cigana como categoria social vulnerável à desigualdade no sucesso escolar

A comunidade Cigana chegou a Portugal há vários séculos, contudo num estudo realizado em 2014 pelo Alto Comissariado para as Migrações (ACM)¹, presente no Observatório das Comunidades Ciganas², indica que possam existir cerca de 37 mil pessoas da etnia cigana em Portugal.

¹ Estudo Nacional sobre as Comunidades Ciganas:
http://www.poatfse.qren.pt/upload/docs/Documentos/estudo_ennic.pdf

² Observatório das Comunidades Ciganas:
<http://www.acm.gov.pt/pt/-/observatorio-das-comunidades-ciganas-obci-1>

Neste mesmo estudo, concluiu-se que as pessoas de etnia cigana em Portugal têm baixos níveis de escolaridade e que fazem da sua principal atividade económica a venda em feiras.

“A implementação do sistema democrático em abril de 1974 permitiu que pessoas e famílias de origem cigana vissem reconhecida, de uma forma mais facilitada, a igualdade perante os direitos de cidadania. No entanto, quarenta anos passados, continua a verificar-se um profundo fosso entre as condições de vida de muitas pessoas ciganas, quando comparadas com os restantes cidadãos portugueses.” (Magano e Mendes, 2014, p.16)

Atualmente, em Portugal, verifica-se desigualdades de oportunidades no que concerne ao acesso escolar e ao sucesso escolar por parte de pessoas de etnia cigana.

“A educação formal é importante para os direitos sociais e culturais dos indivíduos e uma das principais chaves para a entrada no mercado formal de emprego e para a garantia das condições básicas de sobrevivência.” (Magano, Mendes e Gomes, 2017, p.5)

A maioria da comunidade cigana tem uma baixa escolaridade, no entanto, segundo o estudo Nacional sobre as Comunidades Ciganas (2014), quase 20% da comunidade tem o 1º CEB incompleto, seguindo-se um outro grupo que tem o 1º CEB completo, só depois destes dois grupos é que se segue o grupo considerado analfabeto, que não sabe ler nem escrever, com 15,5 % da comunidade cigana. Ainda é relevante referir que 12,9% desta comunidade terminou o 2º CEB.

Estes valores retratam que apesar do baixo nível de escolaridade que a comunidade apresenta, já existe uma grande parte da comunidade cigana a estudar, sendo que o estudo identificou que a maioria que frequentou o 1º CEB foi devido a apoio do Estado.

“Os ciganos continuam a ser considerados o grupo étnico mais pobre, com piores condições habitacionais, menos escolarizado e o principal alvo de racismo e de discriminação nas sociedades modernas” (Magano, Mendes e Gomes, 2017, p.19)

O abandono escolar precoce na comunidade cigana é enorme devido a diversos fatores. Um dos principais é que se casam muito cedo e desta forma é um motivo para abandonarem a escolaridade. No estudo realizado, referido anteriormente, no 3º CEB só

existe apenas 6,2% da população e no secundário 2,2%. Estes valores fazem referência às idades em que os jovens ciganos iniciam a sua vida matrimonial. Outro aspeto que é motivo de abandono escolar é os pais considerarem que o seu educando já aprendeu o essencial, sendo que este aspeto é mais usual nos rapazes e nas raparigas é a necessidade de ajuda para cuidar dos irmãos mais novos.

Contudo há iniciativas de aprendizagem ao longo da vida, que são importantes para a melhoria das condições de vida das pessoas de etnia cigana, uma vez que a escolarização, a formação e a qualificação podem permitir a inclusão no mercado de trabalho (Magano, 2010). No entanto, “*Continuam todavia a surgir alguns obstáculos, como, por exemplo, o facto de os homens não autorizarem as mulheres a sair do bairro*” (Magano, Mendes, Moreira e Costa, 2014, p.14)

Em suma, o governo português, tem vindo a promover a integração das comunidades ciganas, para o reconhecimento social das pessoas e consequentemente para a desconstrução de mitos e estereótipos. Desta forma, observatório das comunidades ciganas visa contribuir para esta promoção, colaborando com centros de investigação, realizando estudos e debates, com o apoio do Alto Comissariado para as Migrações.

Capítulo 2 - Papel do Educador e do Professor do 1ºCEB

2. Papel do Educador e do Professor em contexto Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

A escolha da temática, surgiu da curiosidade das diferenças e desigualdades sociais. A investigadora, como futura profissional da educação, pretendia compreender de que forma um docente da educação, seja um educador ou um professor do 1ºCEB, pode e deve agir perante um grupo de crianças que não partilha as mesmas oportunidades, as mesmas vivências e apoios extrínsecos. Deste modo, escolheu investigar o tema “Promoção de Práticas que levem ao Sucesso Promovendo a Igualdade Social”

O educador ou professor, como o adulto que passa mais tempo com a criança, que convive diariamente durante várias horas e acompanha o seu desenvolvimento, deve ser o pioneiro na promoção de igualdade social, de forma a promover a inclusão, a convivência e a caminhada para o sucesso.

Esta investigação tem como objetivo não só compreender como o docente pode promover a igualdade social, promovendo também o sucesso escolar, mas também como futura docente criar práticas de promoção de igualdade que conduzam as crianças ao sucesso. Posto isto, ao longo da investigação é pretendido dar resposta à pergunta de partida: **“Que estratégias utilizar em sala de aula, de modo a proporcionar igualdade no processo de aprendizagem?”**

2.1 Papel do Educador em contexto Pré-Escolar

A educação pré-escolar, segundo estabelecido na Lei-Quadro (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro), destina-se a crianças com idades compreendidas entre 3 anos e a entrada na escolaridade obrigatória, sendo considerada como *“a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida”* (OCEPE, 2016, p.5)

A educação pré-escolar, rege-se pelas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, com objetivos definidos pela Lei referida anteriormente e destinam-se a apoiar a construção e gestão do jardim de infância.

Segundo a Recomendação do Conselho Nacional de Educação, a educação pré-escolar é um direito à criança. Deste modo, existe a necessidade para que haja uma unidade para toda a pedagogia para a infância.

“Educar não é uma atividade que comece aos seis anos e hoje só faz sentido planear o Ensino Básico quando este é construído sobre um trabalho integrado que tem em conta todo o período dos zero aos seis anos de idade, abarcando não só o período da Educação Pré-Escolar, mas todo o tempo desde o nascimento até ao início da escolaridade.” (OCEPE, 2016, p.4)

A passagem pelo Pré-escolar é uma passagem fulcral no desenvolvimento da criança. Para tal, nesta valência existe o apoio contínuo por parte do educador. Segundo as OCEPE (2016) e a Convenção dos Direitos da Criança (1989) o acesso à educação é um direito de todas as crianças promovendo deste modo uma igualdade de oportunidades.

Sendo o Pré-escolar umas das primeiras aprendizagens da criança, este suporta um grande papel no que se refere à promoção de igualdade de oportunidades. Para tal, segundo as OCEPE:

“essa contribuição depende muito da qualidade do ambiente educativo e do modo como este reconhece e valoriza as características individuais de cada criança, respeita e dá resposta às suas diferenças, de modo a que todas se sintam incluídas no grupo.” (OCEPE,2016, p.10)

No pré-escolar, o educador é fulcral para o desenvolvimento da criança, uma vez que este é quem organiza, modera, ajuda, motiva, coopera e participa no desenvolvimento e na aprendizagem da criança (Cardona, M., J., Vieira, C., Uva, M., Tavares, T., C., 2009).

Deste modo, para que que todas as crianças se sintam incluídas é necessário que o educador conheça o seu grupo no geral e no específico, bem como o seu ambiente

familiar. Após esta investigação é essencial a adoção de práticas pedagógicas diferenciadas de modo a que atenda as necessidades de cada criança do grupo e que a cative, motive e a inclua no grupo.

“tendo o educador ou a educadora um papel nuclear moderando, estimulando, orientando, apoiando a explicitação dos diferentes pontos de vista, dando espaço para que todas as crianças possam participar.”
(Cardona, M., J., Vieira, C., Uva, M., Tavares, T., C., 2009, p. 80).

Perante isto, o educador conseguirá não só incluir a criança no meio envolvente, bem como promovendo o sucesso da mesma e a sua igualdade social.

O educador, não é o único agente potencializador desta promoção e inclusão. Este processo para ser bem-sucedido é necessário o apoio da família. Este método deve ser um trabalho colaborativo entre escola família. Contudo, nem sempre é possível este cooperativismo. Para tal, é necessário que o educador se prepare para a remota possibilidade de a colaboração escola-família falhar e perspetivar práticas pedagógicas que resultem na inclusão e promoção de igualdade, de modo a que a criança não sinta que lhe falta qualquer género de apoio.

Sendo assim, dado que os educadores são os promotores da ação educativa, têm como função identificar as desigualdades que as crianças possuem e promover desta forma a inclusão e a igualdade de oportunidades. Tal como refere Boaventura (1999) *“mais iguais naquilo em que não devem ser diferentes, e (...) diferentes naquilo em que seria ilegítimo tornarem-se iguais - o direito à pertencas culturais próprias cuja identidade tem de ser respeitada”* (Boaventura, S. S., 1999, cit. por Roldão, 2008, p.188).

2.2 Papel do Professor em contexto 1ºCEB

O 1º Ciclo do Ensino Básico, é a segunda etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, contudo é a primeira etapa do ensino obrigatório. O 1º CEB é composto por quatro anos: 1º ano, 2º ano, 3º ano e 4º ano.

Neste ciclo as áreas disciplinares de frequência obrigatório são o Português, a Matemática, o Estudo do Meio e as Expressões, sendo que dentro destas estão subjacentes

as expressões artísticas e físico-motoras. No entanto, a partir do 3º ano é introduzida a disciplina de inglês como obrigatório, tal como é referido no Decreto-Lei n.º 79/2014, de 14 de maio.

As metas curriculares é o documento de apoio aos ciclos do ensino básico, de modo a orientar o professor e os encarregados de educação a ajudarem a desenvolver nos alunos as suas capacidades e adquirem os conhecimentos indispensáveis ao seguimento dos seus estudos e às necessidades da sociedade atual. Existe também um outro documento, designado de “Perfil dos alunos à saída da Escolaridade Obrigatória”, que fora criado nos termos do Despacho n.º 9311/2016, de 21/Julho, que visa cooperar com as metas curriculares.

Este documento é uma iniciativa do Ministério da Educação e Ciência que surgiu na sequência da revogação do documento “Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais”, estipulado no Despacho n.º 17169/2011, de 23/dezembro.

O 1º Ciclo do Ensino Básico é um contexto diferente do Pré-Escolar, contudo partilham bases essenciais no desenvolvimento da criança. Essas bases passam pela a educação para a cidadania, para inclusão social e a promoção de igualdade social. Estas bases são fulcrais no desenvolvimento da criança e na formação de um cidadão ativo.

“O professor do 1.º ciclo do ensino básico promove a aprendizagem de competências socialmente relevantes, no âmbito de uma cidadania activa e responsável, enquadradas nas opções de política educativa presentes nas várias dimensões do currículo integrado deste ciclo” (Perfil específico de desempenho profissional do professor do 1º ciclo – Decreto – Lei n.º 241/2001 de 30 de agosto)

O professor do 1ºCEB tem como objetivo ensinar os conteúdos estipulados nos programas curriculares, porém nunca se esquecendo que esses programas são apenas documentos orientadores, na qual o professor pode e deve adapta-los aos interesses, às motivações e às dificuldades dos seus alunos. Estas adaptações devem-se reger pelo foco do aluno e pela inclusão do mesmo, tanto na vida escolar como na vida social.

“«ser professor é ser um guia, é ser um orientador» que «tem de apoiar as crianças em todos os aspetos». Atribui-se-lhe o papel de facilitador das aprendizagens das crianças, o que significa «poder ajudá-las, orientá-las em tudo que elas necessitem». Ser professor não é só «fazer só com que os

alunos aprendam os conteúdos de um livro», é muito mais que isso, é «fazer com os alunos sejam competentes para ultrapassar situações, nomeadamente, problemáticas», o que significa formá-los e orientá-los», levá-los «pelo melhor caminho»”. (Mesquita, 2011, p.86-87)

Ser professor não se cinge ao conhecimento e leccionamento de conteúdos. Ser professor é mais que um mero instrutor, é um orientador do aluno, que tem como objetivo despertar o interesse, perspetivar e planificar as suas aulas de forma a atender as necessidades e interesses de cada aluno. Posto isto, ser “Bom Professor”, segundo Estanqueiro (2012), é colocar os alunos em foco de modo a promover o seu desenvolvimento cognitivo, psico-motor e socio-afetivo.

“nada substitui um bom professor. Nada substitui o bom senso, a capacidade de incentivo e de motivação que só os bons professores conseguem despertar. Nada substitui o encontro humano, a importância do diálogo, a vontade de aprender que só os bons professores conseguem promover.”(Nóvoa, 2007, p.18)

Em suma, segundo Perrenoud (2000), a pedagogia diferenciada poderá ser a chave para a diminuição das desigualdades sociais e por consequente um melhoramento do ensino. *“as desigualdades diante da escola se atenuem e, simultaneamente, para que o nível de ensino se eleve”* (Perrenoud, 2000, p.9)

Posto isto, os educadores e professores do 1º CEB, devem incorporar uma atitude proativa na procura de sequencialidade de uma etapa para a seguinte. No entanto, é preciso criar condições de articulação, como por exemplo o envolvimento parental, a escuta da criança e a partilha de experiências e receios.

Capítulo 3: Metodologias Utilizadas na Investigação

3.1 Metodologia

“As diferentes fases do processo de investigação qualitativa não se desencadeiam de forma linear mas interactivamente (Colás, 1998), ou seja, em cada momento existe uma estreita - relação entre modelo teórico, estratégias de pesquisa, métodos de recolha e análise de informação, avaliação e apresentação dos resultados do projecto de pesquisa.” (Colás, cit.Luísa Aires, 2011,p.14)

Nesta fase do trabalho está subentendido a apresentação, o desenvolvimento e as opções metodológicas referentes à investigação. Deste modo, será apresentado a fundamentação das opções metodológicas, bem como o método e as técnicas utilizadas e por consequente a análise da recolha de dados.

A presente investigação procura alcançar diversos objetivos, contudo a pergunta de partida é a base dos objetivos a clarificar: **“Que estratégias utilizar em sala de aula, de modo a proporcionar igualdade no processo de aprendizagem?”** Posto isto, foi estabelecido o método a utilizar bem como as suas repetivas técnicas.

As metodologias de investigação visam promover o processo científico, permitindo ao investigador atingir os seus objetivos e solucionar problemas.

Segundo Cohen & Manion (1980), as metodologias de investigação, consituitem uma ferramenta importante que auxilia o desenvolvimento do conhecimento e, desta forma, consegue promover o processo científico, permitindo assim, ao investigador, uma relação mais eficiente com a investigação, de modo a atingir os objetivos e solucionar conflitos.

Assim sendo, a metodologia preconizada para esta investigação é a metodologia qualitativa, uma vez que consideramos a mais adequada, por permitir uma pesquisa mais especifica para com o público-alvo. Nesta investigação pretendíamos analisar quais as estratégias que o docente poderá utilizar em sala de aula, de modo a promover a igualdade em sala de aula e combater as desigualdades transportadas pelas crianças de forma a diminuir o insucesso escolar.

A metodologia qualitativa é considerada uma das mais adequadas, segundo Bogdan e Biklen (1994), devido ao termo *qualitativo* designar-se por rico em pormenores descritivos, respetivamente a pessoas e locais. Tendo assim, as questões a serem formuladas “*o objectivo de investigar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural.*” (Bogdan & Biklen, 1994, p.16)

Bogdan e Bicken (1994), realçam que na investigação qualitativa esta é direcionada para um ambiente natural em que os principais agentes da investigação são o “*investigador e o instrumento principal*” (Bogdan & Biklen, 1994, p.47). Estes dois agentes são os que subsistem em campo e com as pessoas essenciais para a realização da investigação, bem como usufruem do tempo essencial para a recolha dos dados.

Segundo os mesmos autores, esta investigação qualitativa designa-se também por descritiva, devido ao facto de recolherem dados com registos descritivos, isto é, de descrições em forma de palavras sobre pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, etc., permitindo deste modo obter uma recolha de dados mais profunda e intensiva.

“A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registos oficiais. Na sua busca de conhecimento, os investigadores qualitativos não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outros dados a símbolos numéricos. Tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registados ou transcritos.” (Bogdan & Biklen, 1994, p.48)

Posto isto, é reconhecido que a observação, a análise de documentos, a recolha de dados e as entrevistas, bem como as respetivas análises de conteúdos, foram as técnicas pertinentes a serem aplicadas nesta investigação.

A observação é uma técnica essencial na investigação porque permite estudar o mundo social e é uma base de pesquisa.

“A observação consiste na recolha de informação, de modo sistemático, através do contacto directo com situações específicas” (...) “Os observadores qualitativos não estão limitados por categorias de medida ou de resposta, são livres de pesquisar conceitos e categorias que se afiguram

significativas para os sujeitos.” (Aires, 2011, p.24-25)

A entrevista-conversa, segundo Saramago (2001), é diferente da entrevista não-estruturada uma vez que orientada por temas.

“Em geral todas as crianças gostam de falar e de contar coisas sobre as suas vidas quotidianas. (...) torna-se possível encaminhar a criança para o assunto que se pretende abordar a partir das coisas que a criança está disposta a contar.”
(Samarago, 2001, p.7)

Para a realização desta entrevista, foi optado por uma “*entrevista-conversa-singular*” (Saramago, 2001), uma vez que o pretendido era aprofundar temas do foro pessoal da criança. Posto isto, achamos fulcral escutar a crianças e compreender as suas visões. Para tal, durante o processo de escuta foi sempre respeitado as suas opiniões e interesses.

As técnicas documentais, segundo Quivy & Campenhoudt (2008), já tinham sido utilizadas no capítulo número um do trabalho, que suportou com bases teóricas de diversos autores e conteúdos para desenvolver a metodologia. Neste terceiro capítulo foram utilizadas as técnicas não documentais, segundo Quivy & Campenhoudt (2008).

Refente às técnicas não documentais, foi realizada uma entrevista “*A entrevista é uma das técnicas mais comuns e importantes no estudo e compreensão do ser humano. Adopta uma grande variedade de usos e uma grande multiplicidade de formas.*” (Aires, 2011, p.27) dado ser um processo de recolha de informação que se baseia essencialmente na comunicação verbal e que se distingue pelos seus objetivos.

Posto isto foi formulada, como referido anteriormente, na instituição A, uma entrevista cuja a entrevistada foi a educadora da sala que desenvolveu a prática profissional na Instituição A. A entrevista é do tipo estruturada uma vez que possui questões prévias pelas quais o entrevistador se guiou.

“As entrevistas estruturadas consistem na interação entre entrevistador e entrevistado com base num conjunto de perguntas pré-estabelecidas e num conjunto limitado de categorias de resposta; as respostas são registadas pelo entrevistador de acordo com o sistema de codificação previamente estabelecido.” (Fontana & Frey, cit. Luísa Aires, 2001, p.28) (Anexo 1).

No que respeita à instituição B, foram formuladas duas entrevistas. Sendo que na primeira entrevista, os entrevistados foram os alunos da turma da prática de intervenção (Anexo 2) e na segunda a professora da sala em questão (Anexo 3).

A entrevista aos alunos teve uma estrutura diretiva, ao contrário da entrevista estipulada na instituição A, devido ao facto de os entrevistados serem crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 9 anos. No entanto, a entrevista à professora é do tipo estruturada, tal como a da instituição A.

No entanto, também foi construído um inquerito, como recolha de dados, destinado aos Encarregados de Educação das crianças da mista 4, da instituição A, com o objetivo de perceber a interação familiar fora do contexto escolar (Anexo 4). Este instrumento permite obter opiniões, representações, informações e crenças (Quivy & Campenhoudt, 1998). Contudo este inquerito não obteve qualquer resposta até ao momento.

O objetivo destas técnicas são recolher informações, contudo pretendemos com as técnicas, compreender se os fatores socioculturais afetam o percurso das crianças e que medidas são tomadas pelas instituições para promover a igualdade na aprendizagem, de modo a combater as desigualdades sociais.

Porém também foram construídas grelhas de observação sobre determinados itens, tais como comportamentais, materiais levados para a sala e habilitações dos pais, tanto na instituição A (Anexo 5), como na instituição B (Anexo 6 e 7), que suportaram a prática profissional.

O público-alvo, em análise, que apoiou esta investigação, como havia sido referido anteriormente, foi a educadora, da sala que suportou a prática profissional, da instituição A. Referentemente à instituição B, o público-alvo foram os alunos do 2ºB, nomeadamente um aluno em particular de etnia cigana e a professora da turma. Os objetivos visavam em verificar a diversidade entre o contexto escolar e o contexto familiar, para que nos permitisse obter conclusões sobre o tema central desta investigação.

Desta forma, foram realizados alguns registos de observação, com o objetivo de registar, observar e compreender as evoluções do aluno através das estratégias de práticas educativas aplicadas pela investigadora e pela professora da sala, com o intuito de perceber se as estratégias preconizadas e a aplicação de uma pedagogia diferenciada

minimiza as desigualdades transportadas pela criança e promove a igualdade e a inclusão (Anexo 8).

Capítulo 4: Contextos de Investigação

4. Caracterização dos Contextos de Investigação

O contexto de investigação decorreu em duas instituições. Primeiramente, no pré-escolar, numa instituição de Solidariedade Social (IPPS), a Associação de Solidariedade Social de Mãos Dadas, que será designada por Instituição A. Seguidamente, no 1º CEB, numa instituição Pública, no Centro Escolar EB1/JI de Costa Cabral, do Agrupamento Eugénio de Andrade, que será designada por Instituição B.

4.1 Breve caracterização da Instituição A

A Associação de Solidariedade Social de Mãos Dadas, foi a instituição, na qual suportou a prática profissional durante o primeiro ano de mestrado.

O projeto educativo (PE) da instituição foca-se no desenvolvimento pessoal e social da criança, através das expressões, comunicações, linguagem e respeito pela igualdade, de forma a facilitar a sua inserção na sociedade. No entanto ainda é referido na mesma norma III, do respetivo documento, que a instituição visa “i) Facilitar a conciliação da vida familiar e profissional do agregado familiar; j) Colaborar com a família numa partilha de cuidados e responsabilidade em todo o processo educativo;”, ou seja, não se centra apenas na criança individualmente, mas também acolhe o seio familiar, da mesma, para um melhor desenvolvimento educativo e pessoal.

Na análise dos documentos da instituição, foi verificado que a Missão da instituição centrasse na “Construção de um mundo solidário”, através de diversas ações, agentes educativos e o apoio de diversos valores. Dos distintos valores inumerados no documento, é de realçar os seguintes: “Queremos ser uma escola que se destaque na contribuição para igualdade de oportunidades (...)” e “Os pais e encarregados de educação são parceiros da criança na aprendizagem.”. (Projeto Educativo da Instituição, 2016)

A instituição está situada na Urbanização Mãos à obra, de Rio Tinto, que pertence a uma cooperativa de habitação fundada em 1978. Os seus habitantes são em grande parte trabalhadores do comércio e serviços.

“Tendo como princípio, o respeito pelas liberdades e pelos direitos fundamentais, o que inclui a promoção da igualdade entre as mulheres e os homens, a Câmara Municipal de Gondomar, tem proporcionado uma diversidade de atividades com vista à mudança da cultura organizacional do Município, contribuindo para a vivência de uma cidadania inclusiva.”(V.Loureiro, 2010,p.5)

A camara municipal do concelho de Gondomar, estabeleceu, com o apoio das instituições públicas e privadas do município, um “Roteiro Social pela Igualdade do Município de Gondomar”, com o objetivo de promover a igualdade social, de modo a permitir a inclusão social.

“Assim, o Roteiro Social pela Igualdade, editado no Ano Europeu de Combate à Pobreza e à Exclusão Social pretende contribuir para uma efetiva promoção da igualdade e, ao mesmo tempo, permitir o conhecimento de um conjunto de respostas sociais que se articulam no território, potenciando o seu desenvolvimento, no sentido de alcançar uma verdadeira inclusão.” (V.Loureiro, 2010,p.5)

Um dos pressupostos presentes no roteiro social pela igualdade e presente na instituição A é “7.º A promoção do direito à educação para todas as pessoas e o direito de todos terem acesso a uma formação profissional e permanente, é vital para o bom desenvolvimento e progresso de toda a sociedade.” (Projeto Educativo da instituição, 2016, p.11)

A instituição, como é referido anteriormente, está inserida numa Urbanização cooperativa. Estas urbanizações surgiram do movimento cooperativo iniciado no século XIX. Este movimento surge da necessidade de uma maior justiça social, sendo que durante o Estado novo, devido a uma economia social muito fragilizada há a necessidade de consolidar diversos ramos cooperativos e associativos. Desta forma, entre 1929 e 1974, foram criados diversos géneros de cooperativas, como os agrícolas, de consumo, de crédito, de habitação, de pesca e de produção.

Após o 25 de Abril de 1974, houve um enorme crescimento cooperativo, alterando e acrescendo os seus setores de atividade para o ramo: agrícola, artesanato,

comercialização, consumo, crédito, Cultura, Ensino, Habitação e Consumo, Pescas, Produção Operária, Serviços, Solidariedade Nacional, Uniões e Federações e Confederações.

Durante a prática de intervenção e de investigação foram recolhidos dados através de observações, de registos de notas de campo e da análise de documentos, como a ficha de Anamnese. Destas recolhas foi possível concluir que o grau de instrução dos pais das 23³ crianças da sala é diversificado, abrangendo desde a instrução primária até à instrução universitária, no entanto o grau de escolaridade mais comum na sala é o 12º ano. (Anexo 5).

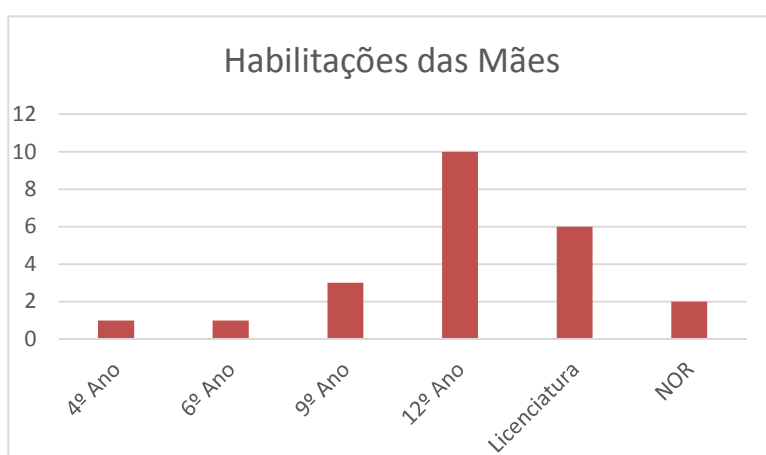


Gráfico 1 - Habilitações das Mães da sala mista 4 da Instituição A

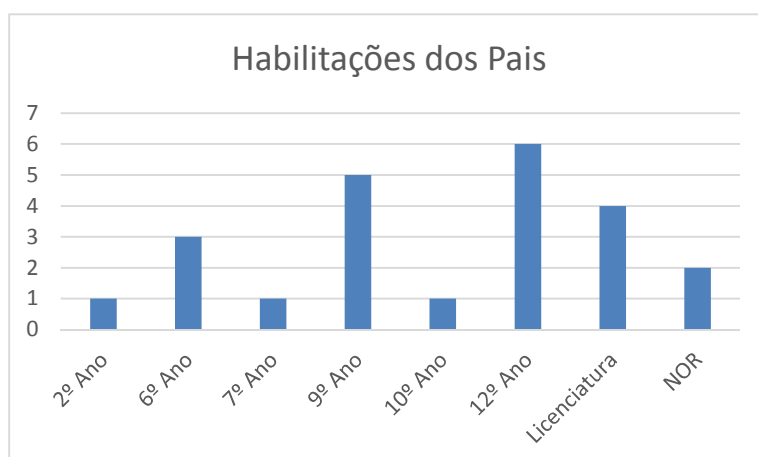


Gráfico 2 - Habilitações dos Pais da sala mista 4 da Instituição A

³ Até ao momento de recolha de informação, o grupo era composto apenas por 23 crianças, sendo que à posterior acresceu mais 3, totalizando 26 crianças.

A partir dos graus de instrução dos pais, foi interessante analisar os interesses das crianças, nomeadamente que material costumam partilhar na sala, como por exemplo: livros, jogos, brinquedos (pinturas, pistas de corridas, carros, etc.) e Bonecos (peluches, super-heróis, etc.), com o objetivo de analisar se os níveis de formação dos pais influenciam os interesses das crianças e por consequente o seu percurso escolar.

Tabela 1 - Habilitações dos Pais e Material que partilham em sala

Nome	Habilitações do Pai	Habilitações da Mãe	Livros	Brinquedos	Jogos	Bonecos
A	9	9	X	X		X
A	12	12				
A	6	12		X		
A	9	Licenciatura		X		
B	NOR	Licenciatura	X	X		
C	12	12	X			X
D	10	4	X	X		
F	6	NOR		X		X
G	2	6				X
I	Licenciatura	Licenciatura		X		
I	9	9	X			
J	6	12	X	X	X	X
J	12	12				X
L	7	12				
L	Licenciatura	Licenciatura	X		X	
M	12	9				x
R	9	12	X			x
R	12	12		X		
L	12	12		X		
K	Licenciatura	Licenciatura	X			
T	9	12		X		x
T	Licenciatura	Licenciatura	X	X		
M	NOR	NOR				

NOR - Não Obteve Resposta

Face a esta análise é possível observar que quase todas as crianças que os pais têm um grau universitário, à exceção de duas, levam livros sistematicamente para a escola. Os restantes que partilham livros em sala, os pais têm um grau de escolaridade entre o 9º ano e o 12º ano, à exceção também de duas crianças, uma que a mãe tem apenas a instrução primária e outra o pai o 6º ano.

Também é de realçar o facto de ser apenas duas crianças que partilham jogos lúdicos na sala, sendo que uma delas ambos os pais têm a licenciatura. Porém, há uma

outra criança que partilha regularmente jogos, em que os pais têm entre o 6º ano e 12º ano.

Contudo através da grelha é possível constatar que nenhuma criança, cujos pais têm grau universitário, leva com regularidade bonecos para a sala.

Durante a prática profissional, realizaram-se algumas sessões de cinema com o intuito de ir ao encontro do projeto de sala “Há muito, muito tempo” e de tentar perceber, através dos filmes, os conhecimentos que as crianças já possuem, bem como compreender e aprender a distinção de objetos antigos. Contudo o objetivo dos filmes também se cruza com o objetivo desta investigação, uma vez que a partir dos mesmo é possível fazer uma observação sobre o conhecimento que têm e se esse conhecimento é proveniente do meu social. (Anexo 9)

4.2 Breve caracterização da Instituição B

A instituição que suportou a prática profissional durante o último ano de mestrado, foi o Centro Escolar EB1/JI Costa Cabral.

Segundo o projeto educativo da instituição, à escola foi confiada uma missão de serviço público, que consiste em que todos os seus cidadãos tenham possibilidade de explorar as suas competências, de se integrarem ativamente na sociedade e de contribuir para uma vida económica, social e cultura do país. No mesmo documento ainda é referido que para que esta missão seja executada com sucesso, a escola rege-se “*pelos princípios da igualdade, da participação e da transparência, consagrados na Constituição e na Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE)*” (projeto educativo da instituição, 2017, p.9)

É de referir alguns princípios visados pela escola, que demonstram que o seu objetivo é focado na educação e na formação de cidadãos participativos e ativos na sociedade. Contudo têm atenção e tendem a ir de encontro às necessidades de cada aluno, respeitando o seu meio envolvente e permitindo a participação e o envolvimento de toda a comunidade na formação do aluno como futuro cidadão ativo na sociedade.

- “– Integrar as escolas nas comunidades que servem, e estabelecer a interligação do ensino e das atividades económicas, sociais, culturais e científicas;
- Contribuir para desenvolver o espírito e a prática democráticos;
- Assegurar a participação de todos os intervenientes no processo educativo, nomeadamente dos professores, dos alunos, das famílias, (...) tendo em conta as características específicas dos vários níveis e tipologias de educação e de ensino;” (*projeto educativo da instituição, 2017, p.9*)

A instituição está situada na Rua de Costa Cabral e foi construída em 1962. Inicialmente era designada de escola nº37, posteriormente escola nº17 e em 2004 adotou o nome de EB1 Costa Cabral. Contudo, atualmente, denomina-se por Centro Escolar EB1/JI Costa Cabral.

O centro escolar é circundado por três ruas, possuindo um portão principal e dois laterais. A sua área coberta é ocupada pelo edifício escolar e por uma biblioteca, a área descoberta destina-se ao recreio e a uma zona ajardinada.

O edifício escolar instala-se num só piso composto por onze salas de aula do 1º ciclo e três salas da educação pré-escolar. Possui ainda, dois corredores que dão acesso interior às salas, às casas de banho, ao refeitório e aos gabinetes. Os gabinetes incluem a sala da coordenação, a sala de atendimento aos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), a sala de professores, a reprografia e um gabinete de trabalho. Dentro do refeitório existe uma cozinha com saída para o exterior. No exterior, existe dois átrios cobertos que dão acesso aos corredores

Na turma que sustentou a intervenção, um 2º ano, foram recolhidos alguns dados através de observações, de registos de notas de campo e da análise de documentos, como a ficha de Anamnese.

Destas recolhas foi possível concluir que o grau de instrução dos pais das 25 crianças da sala é diversificado, abrangendo desde a instrução primária até à instrução universitária, no entanto o grau de escolaridade mais comum na sala é a Licenciatura. (Anexo 6). Ainda foram observados os comportamentos e as atitudes da turma (Anexo

7), de modo a relacionar e perceber se existe algum fator extrínseco que justifiquem as atitudes e comportamentos do aluno em sala de aula.



Gráfico 3 – Habilitações dos Pais do 2ºB da Instituição B

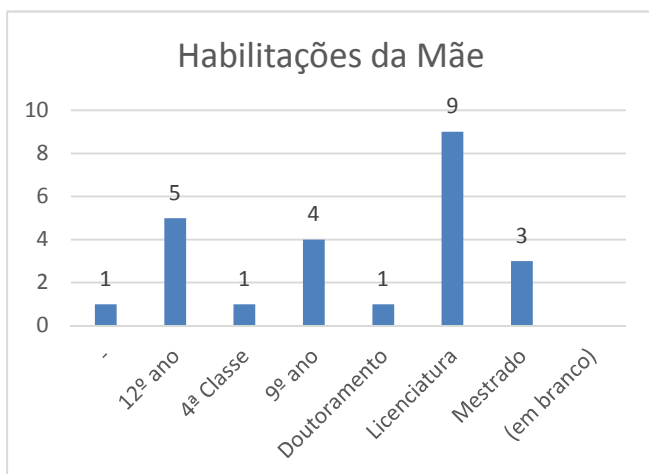


Gráfico 4 – Habilitações das Mães do 2ºB da Instituição B

Capítulo 5: Análise dos Dados sobre Práticas Promotoras de Igualdade em Contexto Escolar

A análise dos dados obtidos resulta da articulação entre o enquadramento teórico e a informação recolhida. Desta forma estamos perante *“o processo pelo qual o pesquisador implementa o relacionamento independente ou interativo de um estudo de métodos”* (Creswell & Clark, 2013, p.70)

As entrevistas que foram realizadas, nesta etapa são conjugadas com os registos de observação e com a informação analisada anteriormente em diversos documentos. Desta forma, é nos permitido ligar, relacionar e comparar os dados obtidos com as informações recolhidas, de modo a chegar a uma conclusão para a nossa pergunta de partida: **“Que estratégias utilizar em sala de aula, de modo a proporcionar igualdade no processo de aprendizagem?”**

5.1 A promoção da igualdade social e inclusão no âmbito do Pré-Escolar

A entrevista realizada à educadora da Instituição A, da sala mista 4 (Anexo 1), tinha como objetivo de compreender quais os valores e missões que a instituição defende e de que forma promovem a igualdade social e a inclusão. Posto isto, ao longo da conversa com a educadora, foi possível perceber que a instituição defende valores na área social e da pedagogia, uma vez que é uma IPSS.

“A missão da instituição e os valores visam sobretudo na área social e da pedagogia” (Entrevista à educadora da Instituição A, 2017.)

Na sala, tal como já tínhamos observado durante as intervenções e comprovou-se na entrevista, são utilizadas várias metodologias pedagógicas, nomeadamente o Movimento Escola Moderna (MEM), High Scope e Pedagogia de projeto.

No modelo pedagógico MEM a escola é vista como:

“um espaço de iniciação às práticas de cooperação e de solidariedade de uma vida democrática. Nela, os educandos deverão

criar com os seus educadores as condições materiais, afetivas e sociais para que, em comum, possam organizar um ambiente institucional capaz de ajudar cada um a apropriar-se dos conhecimentos, dos processos e dos valores morais e estéticos gerados pela humanidade no seu percurso histórico-cultural” (Niza, 2013, p.144)

Uma das estruturas deste modelo pedagógico baseiam-se na cooperação. Esta estrutura consiste em desenvolver atividades em grupo de forma a promover a igualdade, bem como a inclusão social e educativa das crianças.

O modelo pedagógico High Scope, por sua vez, permite uma abordagem no pré-escolar, que se centra na aprendizagem pela ação, dado que para Hohmann & Weikart (1997), este tipo de aprendizagem é mais eficiente e permite que todas as crianças tenham a oportunidade de ter uma aprendizagem adequada ao seu desenvolvimento.

“(...)a abordagem High-Scope para a educação pré-escolar é a crença de que a aprendizagem pela acção é fundamental ao completo desenvolvimento do potencial humano, e de que a aprendizagem activa ocorre de forma mais eficaz em contextos que providenciem oportunidades de aprendizagem adequadas do ponto de vista do desenvolvimento” (Hohmann & Weikart,1997, p.19)

A metodologia de Trabalho de Projeto, contrariamente aos modelos anteriores, esta não é um modelo curricular ou pedagógico, mas sim um método de ensino-aprendizagem.

Para Kilpatrick (2006), o termo projeto *“(...) está presente um articulado de acções, planeadas e executadas em função de uma intencionalidade real e contextualizadas no meio onde se realizam” (Kilpatrick, 2006 cit. por Craveiro, 2007:28).*

Desta forma, podemos definir a metodologia de projeto como: *“uma metodologia assumida em grupo que pressupõe uma grande implicação de todos os participantes, envolvendo trabalho de pesquisa no terreno, tempos de planificação e intervenção com a finalidade de responder aos problemas encontrados”*: (Leite, Malpique & Santos, 1989, cit por Vasconcelos, 2012, p.10)

No grupo em questão, a educadora afirma que existem várias diferenças sociais que se fazem sentir em determinados aspetos.

“Na sala existem diferenças sociais significativas. Isso nota-se no acesso que as crianças têm a diferentes meios e situações, como cinemas, museus, espaços exteriores e atividades.”(Entrevista à educadora da Instituição A, 2017.)

Para a educadora, a heterogeneidade do grupo é gerida através da partilha de experiências, saberes e materiais. A educadora também referiu durante a entrevista, que tendo em consideração as diferentes necessidades das crianças, a mesma tenta proporcionar atividades em sala que sejam o mais enriquecedoras possível.

Para terminar a entrevista a educadora afirmou que o educador deverá dar a mesma oportunidade a todas as crianças, o que se vem a justificar ao longo da entrevista, através das suas práticas. Desta forma surgiu a necessidade de momentos de partilha em conversa e de momentos de partilha de livros, para que em grande grupo pudessem partilhar as experiências e vivências de cada um.

“Devemos dar a mesma oportunidade a todos os alunos e não “discriminar” tendo em conta- as possibilidades financeiras de cada família.” (Entrevista à educadora da Instituição A - Anexo 1)

Assim sendo, perante a posição da educadora pretendemos orientar o nosso olhar durante a PES de modo a construir estratégias de práticas de promoção de igualdade.

5.2 A importância da escola e entendimento do sucesso escolar no 1º CEB: escutar as crianças

Uma vez que a pergunta de partida desta investigação é perceber **“Que estratégias utilizar em sala de aula, de modo a proporcionar igualdade no processo de aprendizagem?”** nada faria mais sentido senão compreender a perspetiva do aluno.

Desta forma, e sendo que *“«ser professor é ser um guia, é ser um orientador»”* (Mesquita, 2011, p. 86-87), foi planificada uma entrevista dirigida aos alunos da turma, de modo a ouvir e perceber cada aluno e diferentes perspetivas sobre a importância da escola para eles e o que eles entendiam por sucesso escolar.

Perante esta situação, na instituição B, foi realizada uma entrevista aos 25 alunos da turma (Anexo 2), com idades compreendidas entre os 7 e os 9 anos de idade, sendo que a moda era os 7 anos de idade. Estas idades correspondem às idades estipuladas para as crianças que frequentam o 2º ano do 1ºCEB, uma vez que a idade para a entrada da

escolaridade obrigatória é os 6 anos. No entanto, no momento da entrevista apenas estavam presentes 24 alunos.

A entrevista era composta por 16 questões que visavam compreender a opinião dos alunos em relação à escola e outros aspetos, de modo a perceber de que forma, como futura docente, poderia promover a igualdade no processo de aprendizagem. Seguem-se os indicadores da entrevista realizada aos alunos:

- A constituição familiar da criança
- O número de irmãos que a criança tem
- A opinião da criança em relação a gostar da escola e quais os motivos
- A opinião da criança em relação ao espaço preferido da escola
- A opinião da criança em relação ao que mais gosta na escola
- A opinião da criança sobre a razão pela qual as crianças devem estar na escola
- A opinião da criança sobre a função da escola
- A frequência ou não de um ATL
- O local onde a criança realiza os trabalhos de casa
- Existência de apoio na realização dos trabalhos de casa
- Existência de apoio ao estudo
- Se a criança gosta de ler
- O número de vezes que lê por semana
- A opinião da criança em relação ao sucesso escolar
- A opinião da criança em relação à existência de culturas diferentes na escola

Com as entrevistas, foi possível perceber que a maioria da turma tem a tradicional constituição da família portuguesa: pai, mãe e irmãos, havendo algumas exceções. 6 alunos vivem numa situação monoparental, sendo que essa presença é a da mãe. Contudo, existe um aluno que vive com a tia e a sua avó por ser órfão de pais. Ainda referente à constituição familiar, a maioria da turma tem pelo menos 1 irmão, o que retrata a média

do nº de filhos da sociedade portuguesa, 1 a 2 filhos. Esta informação consta também na Pordata⁴, uma vez que a média atual é de 2,5 pessoas por família.

Indivíduo - Média

Anos	Dimensão média dos agregados domésticos privados
2008	2,8
2009	2,7
2010	2,7
2011	± 2,6
2012	2,6
2013	2,6
2014	2,6
2015	2,5
2016	2,5
2017	2,5

Figura 1: Dimensão média das famílias em Portugal

Referente às questões de opinião, sobre se gostavam da escola, a maioria da turma à exceção de 3 respondeu que sim.

“Eu adoro a escola, porque gosto de trabalhar e conviver”
(G.7 anos, Costa Cabral. – Anexo 2)

Segundo as metas do 1ºCEB, estabelecidas pela DGE, é nesta fase que são desenvolvidas as “bases fundamentais para a compreensão do mundo, a inserção na sociedade e a entrada na comunidade do saber.”⁵ Deste modo, é fulcral que a criança goste da escola, de forma a que a consolidação destas bases seja efetuada com sucesso.

⁴

<https://www.pordata.pt/Portugal/Dimens%C3%A3o+m%C3%A9dia+dos+agregados+dom%C3%A9sticos+privados+-511>

⁵ <http://metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/ensino-basico/apresentacao/index.html>

A nível do espaço preferido pelos alunos, estes seleccionaram o recreio, fazendo-se seguir a sala de aula. O motivo pela sala de aula ser o segundo mais escolhido foi o facto de segundo os alunos considerem o espaço onde aprendem muito e de forma divertida. O recreio foi escolhido como o preferido devido ser o local onde podem brincar livremente com os seus amigos.

“Eu gosto de estar com os meus amigos no recreio” (C.7 anos, Costa Cabral. – Anexo 2)

“O espaço que gosto mais é a sala de aula porque é aí que trabalhamos.” (R.7 anos, Costa Cabral. - Anexo 2)

Segundo Jarret (2003), o recreio representa, em muitos casos, o único momento disponível em que as crianças podem desenvolver relações e interações sociais com outras crianças. Estas situações verificam-se com mais frequência, nas crianças que depois do tempo letivo apenas se entretêm com as novas tecnologias. Desta forma o recreio representa o meio de integração e socialização para as crianças.

Na questão sobre o que mais gostam na escola, a maioria dos alunos respondeu que o são os amigos. Esta escolha é normal, dado que se encontram na fase em que começam a sentir a necessidade de ter amigos. No entanto é de referir que 11 alunos, quase metade da turma, afirmaram que o que mais gostavam na escola eram os professores.

“Eu gosto da escola porque a minha professora é muito minha amiga.” (R.7 anos, Costa Cabral.- Anexo 2)

Em relação à questão sobre para quê que serve a escola, a maioria da turma concentrou a sua resposta que serve para aprender, à exceção de um aluno que deu uma resposta diferente de todos os alunos e que considerou que as crianças devem ir à escola por ser o local para fazerem amigos.

“As crianças devem estar na escola para aprender.” (A.7 anos, Costa Cabral. – Anexo 2)

O documento “Perfil dos Alunos à saída da escolaridade obrigatória”⁶, define, de certa forma, a importância da escola na vida da criança. Sendo que este documento, apresenta um leque de princípios aos quais os alunos devem atingir, tal como a “*Base Humanista*” que pretende formar uma sociedade mais justa; o “*Saber*”, que consiste nas ações através do conhecimento; a “*Aprendizagem*”, que promove a capacidade de aprender e formar-se ao longo da vida; a “*Inclusão*”, que permite dar a todas as crianças a mesma oportunidade de aprender; entre outros. (DGE, 2017, P.13)

Nas questões mais centradas no ambiente vivido pelo aluno exterior à sala de aula, foi possível perceber que a maioria da turma não frequenta as Atividades de Tempos Livres (ATL). Contudo há uma grande parte, 11 alunos que frequentam o ATL, sendo que destes alunos, a maioria, frequenta o ATL que a instituição oferece. Também verificamos que a maioria da turma realiza os trabalhos de casa em casa. A nível da realização dos trabalhos de casa, percebemos que a maioria dos alunos recebe ajuda dos pais, no entanto existe outro grande número de alunos que afirma não receber qualquer ajuda em casa.

Foi questionado o gosto pela leitura, de forma a perceber de que forma a leitura também contribui para o sucesso escolar, uma vez que na instituição A tinha sido um fator para observação da evolução do sucesso na criança. Posto isto, concluímos que mais de 50% dos alunos afirmaram que gostam de ler, contudo 4 alunos admitiram que não gostam de ler. A maioria dos alunos, afirmou que lê 7 vezes por semana, que corresponde a 1 vez por dia.

As duas últimas questões da entrevista, centravam-se no que significa ter sucesso na escola para a criança, na qual, mais de 50% dos alunos afirmou não saber o que significa o sucesso escolar. No entanto, dois alunos afirmaram que significa ter boas notas.

*“O sucesso na escola, para mim significa saber muita coisa”
(R.7 anos, Costa Cabral.)*

“Que gosto de estudar” (H.7 anos, Costa Cabral.)

“Ter boas notas” (M.7 anos, Costa Cabral.) (Anexo 2)

6

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

A última questão recai sobre a opinião dos alunos relativamente à existência de diferentes culturas e hábitos na escola, mais de 50% dos alunos afirmou que sim, sendo que houve alunos a darem exemplos. Uma vez que dentro da sala existe um aluno de etnia cigana e um aluno cujo a mãe é brasileira.

*“Sim. Um aluno de etnia cigana. É um “cigano” mais sociável e não considero que se sinta muito a cultura dele em sala.”
(Entrevista à professora da instituição B.- Anexo 3)*

Para uma melhor análise foi construída uma tabela de análise à entrevista dos alunos. (Anexo 2.1)



Figura 2: Percepções das crianças, do 2ºB, mais regulares em relação às questões da entrevista

A figura apresenta as respostas mais frequentes dos alunos relativamente às questões colocadas. Desta forma traduz-se que: o recreio e a sala de aula representam os espaços preferidos; aprender e criar amigos é a função da escola, bem como o objetivo de as crianças irem para a escola; por último apesar de a maioria desconhecer o que é sucesso escolar, os restantes consideraram ser “ter boas notas”.

5.3 As metodologias utilizadas em sala para promoção do sucesso escolar no âmbito do 1º CEB

Na entrevista realizada à professora titular da turma 2ºB da instituição B (Anexo 3), compreendemos que a escola tem vindo a sofrer mudanças. Segundo a professora antigamente a missão da escola era ensinar, no entanto, atualmente, as missões são mais do que ensinar é educar, ensinar e transmitir valores.

Com a entrevista, pretendíamos perceber que metodologias utiliza em sala e de que forma estas podem promover o sucesso escolar. Posto isto, na entrevista a professora afirmou que vai adaptando os modelos consoante as crianças e as suas dificuldades. A nível das diferenciações sociais, a professora confirmou a existência das mesmas em sala, contudo, constatou que existe mais uma questão de educação do que social e económico.

Na entrevista podemos perceber que o meio exterior à sala de aula afeta o desenvolvimento da criança, que segundo a professora as famílias disfuncionais, o pouco tempo para cuidar e dar atenção necessária são os fatores que mais se fazem sentir em sala de aula. Apesar de na turma em questão se sentir muito as desvantagens sociais, a professora afirmou gerir essas desvantagens fornecendo o material ou tentar encontrar vias de solução como por exemplo a Associação de Pais.

“O nosso papel é nunca deixar ninguém para trás.” (Entrevista à Professora da Instituição B - Anexo 3)

Durante a entrevista à professora constatamos que a mesma considerou o caso do aluno da etnia cigana como uma não preocupação. Contudo apesar das dificuldades e das retenções do aluno, optamos por nos focar e desenvolver estratégias diferenciadoras de modo a promover a igualdade social e o sucesso escolar do mesmo.

5.4 Estratégias de Práticas de Promoção de Igualdade

De forma a pelear a problemática da presente investigação e a corresponder aos objetivos desta investigação, foram surgindo algumas estratégias, durante as práticas

profissionais, para que fosse possível promover a igualdade social e desta forma combater as desigualdades sociais iminentes nas salas que suportaram as práticas profissionais.

“(...) escola não constrói a partir do zero, nem o aprendiz é uma tábua rasa, uma mente vazia; ele sabe, ao contrário, “muitas coisas”, questionou-se e assimilou ou elaborou respostas que o satisfazem.” (Perrenoud, 2000, p.28).

Tal como Perrenoud (2000) referiu é necessário desta forma que o professor permita direitos aos alunos, que os conheça, motive-os e compreenda as suas raízes, uma vez que os alunos já possuem bagagem social, cultural e cognitiva. Para tal foram preconizadas diversas estratégias.

Na Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/86, de 14 de Outubro), no artº3, defende alguns princípios gerais do direito de participação:

“(...) assegurar o direito à diferença, mercê do respeito pelas personalidades e pelos projetos individuais da existência, bem como da consideração e valorização dos diferentes saberes e culturas (...) através da adoção de estruturas e processos participativos (...) na experiência pedagógica quotidiana, em que se integram todos os intervenientes no processo educativo, em especial os alunos, os docentes e as famílias.” (Lei nº 46/86, de 14 de outubro)

5.4.1 Instituição A – Pré-Escolar

Na instituição A, sendo um pré-escolar foram desenvolvidas as estratégias de forma a que todas as crianças tivessem a mesma oportunidade de conhecimento e aprendizagem. Sendo um grupo heterogéneo e com crianças com experiências de vida bastante diversificadas, tentou-se que dentro da sala houvesse a partilha de experiências.

Desta forma, seguidamente serão apresentadas as estratégias pedagógicas preconizadas e aplicadas na sala mista 4 da instituição A, de modo a promover a igualdade e a inclusão.

Tabela 2 - Estratégias pedagógicas de promoção de igualdade e inclusão, aplicadas na Instituição A

Estratégias pedagógicas aplicadas no Pré-Escolar	
Momentos de Partilha (Anexo 10)	Na manta, as crianças partilham experiências, vivências, saberes entre as restantes crianças.
Momentos de visualização de filmes (Anexo 9)	Visualização de filmes de forma a que as crianças possam conhecer novas realidades.
Momentos de leitura (Anexo 12)	Com a leitura partilham, exploram e conhecem novas realidades e alargam o vocabulário.
Momentos de Brincadeira (Anexo 13)	O brincar permite às crianças aprenderem de uma forma lúdica, divertida e motivadora.

Os **momentos de partilha** (Anexo 10) entre as crianças, consistia em que a criança contasse ao grupo as suas experiências, como por exemplo o caso de uma criança que tinha ido à Disneyland. No grupo existiam várias crianças que nunca tinham visitado o local e desta forma tomaram um pouco de conhecimento como era, através de fotos e da experiência contada pelo colega.

Com este momento foi possível promover, de certa parte, a igualdade de oportunidades. Apesar de não haver forma de permitir que todas as crianças viajassem aos locais que os colegas visitaram ou que todos pudessem vivenciar as mesmas experiências, como educadores, foi possível utilizar as suas diferenças e vivências em momentos de aprendizagem e inclusão.

Estes momentos permitiram compreender e despertar o interesse pelo mapa, pelos países e culturas diferentes. Com apenas um momento de partilha desencadeou-se várias aprendizagens e até mesmo a inclusão, dado que na sala em questão existam crianças de culturas diferentes.

A partir desta partilha, uma das aprendizagens foi a distinção entre as casas da cidade e as do campo. Esta aprendizagem foi desenvolvida através de outros momentos, como a leitura de histórias “o Rato do Campo e o Rato da Cidade” e a visualização de filmes como por exemplo o filme da “Cinderela”. Com a aprendizagem das diferenças construíram duas maquetes: a Aldeia e a Cidade (Anexo 11)

Com os **momentos de visualização de filmes** (Anexo 9) uma vez que o projeto da sala era “HÁ MUITO, MUITO TEMPO”, tentamos conjugar as duas vertentes de modo a dar continuidade ao projeto e ao mesmo tempo mostrar ao grupo vivências de outras crianças, como por exemplo o caso de uma criança que vivia num meio rural e todo o seu ambiente familiar se enquadrava nas situações faladas no tempo dos pais e avós pequeninos;

“a estagiária levou o filme a Cinderella, (...)foi observado aspetos do tempo dos avós, (...)”

G: “Eu tenho um caldeirão e galinhas”” (Excerto do anexo 9)

Com estes momentos foi possível motivar e despertar o interesse por conhecer o passado. O facto de utilizar algo que gostam, os desenhos animados e filmes, e trazê-los para a sala motivou muito o grupo, uma vez que nem todos têm acesso a filmes ou muitas oportunidades de os visualizar. Desta forma promovemos a igualdade de oportunidades, permitindo que todos visualizassem filmes dos seus interesses e aprendessem com os mesmos.

Através da visualização dos filmes, que retratavam uma época anterior à das crianças, as mesmas observaram a evolução dos objetivos e da sociedade.

Contudo, havia um aluno em que o seu ambiente familiar era idêntico com algumas questões dos filmes: caldeirões, galinhas, quintais, plantações, “penicos”, entre outros. Uma vez mais, através da partilha, as crianças conheceram realidades diferentes e que, apesar de certos utensílios já não se utilizarem com regularidade, ainda existem pessoas, como o colega de sala, que utilizam esses utensílios que já deixaram de ser utilizados na sociedade atual, isto é, na sociedade industrializada.

Os **Momentos de leitura** (Anexo 12), surgiram do interesse das crianças, uma vez que havia crianças a levarem livros para a sala e o restante grupo querendo ouvir as suas histórias. Na sala existiam crianças que não tinham livros ou não tinham livros educativos, e desta forma, surgiu um momento destinado à leitura de histórias de crianças do grupo que quisessem partilhar os seus livros e histórias com os colegas. Desta forma colocávamos em prática o Plano Nacional de Leitura (PNL)⁷, respondendo a alguns objetivos pressupostos pelo PNL, como a inclusão, o desenvolvimento de cultura científica, literária e artística, entre outros.

Através dos momentos de leitura foi possível constatar diferenças quanto ao tipo de brinquedo que traziam para a sala. A sexta-feira era o dia da semana livre que permitia que cada criança trouxesse qualquer brinquedo seu para a sala, sendo que durante a semana só era permitido que entrassem na sala com algum livro e não outro brinquedo.

Com a partilha de histórias e convites, oriundos das crianças e organizados pela educadora e pela investigadora, relativamente aos pais irem à sala ler histórias, foi possível concluir que as crianças começaram a ter mais interesse pela leitura e, desta forma, conseguiram alargar os seus conhecimentos.

Verificou-se também que as crianças que não traziam ou que traziam com pouca frequência livros para a sala começaram por trazer com uma maior regularidade. Este fator implica que os pais, indiretamente, ajudaram com que esta estratégia resultasse, isto é, a partir do incentivo por parte da investigadora e da educadora para conhecerem e descobrirem algo desconhecido através da leitura, fez com que as crianças pedissem aos pais para levarem para a sala livros de casa, comprar ou até mesmo requisitar em bibliotecas públicas.

Contudo, apesar de se ter verificado que os livros passaram a ser o objeto mais trazido pelos alunos para a sala, constatou-se também que nem sempre eram livros “lúdicos”, pois uma grande parte das crianças trazia livros dos desenhos animados que assistiam na TV.

⁷ <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/index.php?s=diretorio&pid=97&ppid=96>

Os **momentos de brincadeira** (Anexo 13), que de encontro também com o projeto da sala, visávamos conhecer brincadeiras e jogos antigos e também dar a conhecer a todo o grupo jogos tradicionais. Para tal, sempre que alguma criança conhecia o jogo, optávamos para que fosse a mesma a explicar aos restantes colegas.

“todos os conteúdos podem ser ensinados através de brincadeiras e jogos, em atividades predominantemente lúdicas”, pois “não existe nada que a criança precise saber, que não possa ser ensinado brincando” (Lima, 1986, p.33).

Assim como Lima (1986) afirma, não há nada que não possa ser ensinado com brincadeira e, fundamentando-se neste princípio não podia faltar uma estratégia baseada no brincar.

Sendo no Pré-Escolar fulcral o brincar e essencial para as crianças, decidimos juntar o “útil ao agradável”. Desta forma constatamos que a motivação das crianças pelo projeto, que por sinal durou um ano, não se esvaneceu não só pela curiosidade, mas também pelos métodos selecionados para o desenvolver. Este projeto foi vivido de diversas formas tanto lúdicas como também motivadoras e na sua maioria a brincar.

A motivação do grupo desencadeou várias aprendizagens. Certa altura o interesse das crianças centrava-se em saber como eram os casamentos nos tempos dos avós e dos pais. Este interesse surgiu através da partilha de fotografias de quando os avós eram novos, e desta forma o grupo quis organizar um casamento na sala.

A partir da partilha de uma foto, o grupo interessou-se por saber mais do passado, trouxeram livros sobre casamentos, como por exemplo a história da “Carochinha e o João Ratão”, investigaram como eram os casamentos, os vestidos da noiva, dos convidados, se existiam meninos das alianças, entre outros aspetos. Através de uma brincadeira construíram e vivenciaram uma festa, com música, roupa a rigor, decorações, bolos e presentes, tudo que um casamento tem (Anexo 14).

5.4.2 Instituição B – 1º CEB

Relativamente à Instituição B, sendo uma prática educativa no 1ºCEB, foram preconizadas práticas de promoção de igualdade de uma forma diferente. Estas práticas foram mais focadas e desenvolvidas com base no sucesso escolar do aluno e nas suas aprendizagens.

As estratégias, nesta situação, tiveram um maior ênfase no aluno de etnia cigana, contudo houve estratégias direcionadas para todo o grupo.

Seguidamente serão apresentadas as estratégias pedagógicas preconizadas e aplicadas na turma do 2ºB do 1ºCEB de modo a promover a igualdade e a inclusão.

Tabela 3 - Estratégias pedagógicas de promoção de igualdade e inclusão, aplicadas na Instituição B

Estratégias pedagógicas aplicadas no 1º CEB	
Atividades de equilíbrio (Anexo 15)	Através da educação física integrar e desenvolver competências.
Atividades de Plantação (Anexo 18)	Conhecer a realidade de algumas crianças da turma e conhecer alguns procedimentos do nosso quotidiano.
Atividades com legos, lápis, fios, palhinhas, dominós e desenho (Anexo 20)	Utilizar os materiais que as crianças conhecem de modo a motiva-las, incluí-las e melhorar a sua aprendizagem.

As principais estratégias em grande grupo realizadas foram centradas na disciplina de expressão motora e estudo do meio. Uma vez que nem todo o grupo tem a possibilidade de realizar uma atividade desportiva extracurricular e dado que existe falta de capacidades físicas, essenciais à disciplina.

Para tal, foram planificadas atividades para desenvolver o **equilíbrio** (Anexo 15), uma vez que apenas poucos alunos da turma possuem; para desenvolver o salto à corda e ainda jogos lúdicos e tradicionais.

Uma vez que a educação física é fulcral para o desenvolvimento da criança e dado que teriam de ser planificadas aulas de educação física devido às provas de aferição, consideramos essencial desenvolver alguns pontos estipulados nas metas curriculares:

“1- Elevar o nível funcional das capacidades condicionais e coordenativas: (resistência geral; velocidade de reacção simples e complexa de execução de acções motoras básicas, e de deslocamento; flexibilidade; controlo de postura; equilíbrio dinâmico em situações de “voo”, de aceleração e de apoio instável e/ou limitado; controlo da orientação espacial; ritmo; agilidade

2- Cooperar com os companheiros nos jogos e exercícios, compreendendo e aplicando as regras combinadas na turma, bem como os princípios de cordialidade e respeito na relação com os colegas e o professor. (...)

10- Escolher e realizar habilidades apropriadas em percursos na natureza, de acordo com as características do terreno e os sinais de orientação, colaborando com os colegas e respeitando as regras de segurança e preservação do ambiente.” (Ministério da Educação, 2004, p.39-40)

Durante o processo de aprendizagem observamos que, os alunos oriundos de um ambiente familiar com um nível socioeconómico mais baixo, eram os que executavam melhor as atividades de: equilíbrio, saltos, salto à corda e cambalhotas. Através destes alunos percebemos que esta facilidade era proveniente do brincar na rua. Os quatro alunos que se destacavam inicialmente da turma confirmaram à investigadora e à professora, numa conversa informal, que geralmente brincavam na rua com os amigos.

No entanto, a turma com as atividades planificadas em concordância com os temas abordados em sala de aula, como por exemplo meios de transporte, sinalização (Anexo 16), entre outros, foram criados e desenvolvidos jogos de manipulação de bola, saltos, equilíbrio, lateralidade, passes, entre outros. Com estas atividades, na prova de aferição a maioria dos alunos foram capazes de realizar os exercícios.

Também foram desenvolvidas estratégias para conhecerem o **processo de plantação** e o crescimento dos alimentos e plantas (Anexo 17).

Para além de se encontrar inserido no programa, consideramos fulcral que todas as crianças da turma tomassem consciência da existência desta realidade e conhecessem os seus procedimentos. Pretendíamos clarificar que os frutos e legumes são plantados no campo antes de existirem nas lojas e desta forma, que passassem a conhecer o processo de plantação, preparando-as, deste modo, para o futuro.

Alguns dos alunos vivem de perto esta realidade, uma vez que os avós têm casa com quintal onde plantam vegetais e frutas. No entanto, existiam crianças que apesar de conhecerem, por alto, o processo de plantação, nunca o tinham vivenciado.

Desta forma, de modo a dar a conhecer várias realidades, como no pré-escolar, foi optado por realizarmos várias plantações, mas sempre com terra, para que todos tivessem a oportunidade de mexer, sentir e cheirar a terra.

Inicialmente cada aluno plantou um feijão num copo, sendo uma plantação individual, que posteriormente algumas deram flor outras não (Anexo 18). Seguidamente passamos para as plantações em grupo, sendo que existiam quatro grupos, cada grupo responsável por uma plantação: alface, cenoura, abobrinha e beterraba.

Todas estas quatro plantações, mais tarde foram transportadas para a horta que a escola possuía, uma vez que estavam a crescer muito e o “vaso” utilizado já não era o mais adequado. Desta forma, puderam ver e experienciar o processo de plantação, como na agricultura, com os utensílios necessários. Por último uma plantação em grande grupo, uma vez que o Ministério da Educação enviou para a escola várias sementes para plantarem. A turma em questão teve sementes de pinheiro manso, que plantamos todos em conjunto.

As estratégias, centradas no aluno da etnia cigana (Anexo 19), visavam que o mesmo desenvolvesse as suas capacidades e conseguisse acompanhar a turma, uma vez que não recebe apoio extrínseco à sala de aula.

Posto isto, foram planificadas diversas estratégias para diferentes conteúdos: a **utilização de legos**, para que todas as crianças tivessem a oportunidade de brincar e manusear um lego e ao mesmo tempo desenvolver conhecimentos; a **utilização de lápis**, no caso do aluno da etnia cigana para realizar cálculos de uma forma diferente, lúdica e mais atrativa.

“Através de uma brincadeira com um lápis, foi conseguido com que o aluno percebesse quais eram os números pares e ímpares. No teste de matemática, comprovou que compreendeu ou decorou, mas acertou o exercício de identificar os números pares e ímpares.” (Excerto do registo de observação nº 3 -Anexo 8)

As estratégias contam ainda com a **utilização de fios, palhinhas e dominós**, para motivar a aprendizagem de novos conteúdos e demonstrar que com um simples objeto é possível aprender, para que em casa possam tentar novas aprendizagens sem custos. Por último a **utilização do desenho**, no caso do aluno da etnia cigana para compreender a tabuada.

Assim sendo, também foram desenvolvidas outras estratégias diferenciadoras, centradas no aluno de etnia cigana, de modo a apostar na igualdade de oportunidades. A título de exemplo foram realizados alguns “negócios” como uma forma de motivação extrínseca, tal como no dia 16 de outubro de 2017, “quando a professora estagiária questionou o aluno R., o aluno de etnia cigana, se gostava dos cromos dos animais, ao qual o mesmo respondeu sim, mas que não tinha muitos. Face a esta situação, a professora estagiária fez um acordo com o aluno que consistia em que o mesmo trouxesse a roda dos alimentos pintada e fizesse a ficha de trabalho de casa e assim, a professora estagiária dar-lhe-ia alguns cromos.” (Excerto do registo de observação nº1- Anexo 8)

Uma outra estratégia utilizada foi a diferenciação pedagógica que consistiu num auxílio da professora estagiária na realização e explicação das atividades, e por vezes na elaboração de atividades adaptadas às necessidades do aluno R., que são por exemplo não saber ler, ter dificuldade em reconhecer as letras, não conseguir identificar a ordem dos números, entre outras.

Quando a professora estagiária lecionava as aulas, esta tentava planificar atividades que toda a turma fosse capaz de realizar. Nas atividades que considerava mais complexas para o aluno, ou alunos com mais dificuldades em determinado conteúdo, esta tentava prestar apoio individualmente, de modo a que existisse uma explicação e um apoio mais pormenorizado de forma a que ninguém se sentisse excluído. (Excerto do registo de observação nº 2 - Anexo 8)

M: *“Ele está a fazer essas fichas todas diferentes porquê?”*

R: *“Eu faço estas fichas todas para aprender mais e passar de ano, não é professora?”*” (Excerto do registo de observação nº 2 - Anexo 8)

Uma vez mais, através do brincar, mesmo num contexto diferente, foi possível aprender e adquirir competências. A partir do manusear, perceberam diversos conteúdos, principalmente, os alunos com maiores dificuldades, mais especificamente o aluno da etnia cigana. Podemos concluir que com uma diferenciação pedagógica, com o conhecimento dos alunos e com os interesses dos mesmos, é possível ajudar os alunos a adquirirem competências, melhorarem a aprendizagem e a atingirem o sucesso educativo.

Foi notória a evolução dos alunos da turma, mas em específico o aluno de etnia cigana. Este aluno que no início da PES, não sabia ler, apenas contava até 20 e possuía inúmeras dificuldades, neste momento a nível de português lê corretamente e fluidamente, identifica feminino e masculino, plural e singular, verbos e adjetivos. A nível da matemática reconhece os números até 100, identifica os números maiores e menores, coloca-os em retas numéricas, realiza operações e sabe a lógica da tabuada.

6. Considerações Finais

Com a elaboração desta investigação, foi-nos possível compreender e chegar a um consenso sobre o facto de as desigualdades sociais poderem constituir uma condicionante ao sucesso escolar. Foi-nos permitido questionar, investigar e colocar em prática estratégias de promoção de igualdades nas crianças do Pré-escolar e do 1ºCEB, das instituições onde decorreram as Práticas de Ensino Supervisionadas.

Desta forma foi pertinente contextualizar o papel da escola, do educador e do professor do 1ºCEB, perante o combate às desigualdades sociais e à promoção da igualdade social e de oportunidades. Assim sendo, e segundo Neves (2015), a escola deverá adotar uma pedagogia educativa em que aproveita as diferenças sociais, económicas e culturais das crianças em prol do desenvolvimento da aprendizagem das mesmas. Posto isto, quisemos perceber qual o papel do docente da educação perante as diversas desigualdades transportadas pelas crianças.

Com a investigação foi possível concluir que o papel do educador/professor perante a promoção de igualdade na aprendizagem, passa pela diferenciação pedagógica, centrando-se, desta forma, nas características, interesses e dificuldades de cada aluno, com o objetivo de integra-los no grupo, na comunidade e de promover igualdade de oportunidades.

Contudo, concluímos que o professor perante as desigualdades e as diferenças, não deve ignorá-las, mas sim utilizá-las em prol dos alunos, isto é, deve promover a presença da diversidade em sala, mas a diversidade que as torne únicas e não excluídas do grupo e da sociedade.

Ao longo do trabalho, consideramos pertinente perceber a postura do docente, na qual segundo Estanqueiro (2012) o “Bom Professor, tem de valorizar as vivências das crianças e compreender que cada uma é portadora de saberes, vivências e culturas diversificadas, na qual o professor deverá tirar proveito para promover a inclusão e o sucesso.

Nesta fase, é pertinente refletir sobre os objetivos primordiais que visávamos compreender com esta investigação. A primeira questão recaía sobre: **Em que medida as desigualdades sociais poderão afetar o percurso escolar das crianças?**

Na qual, ao longo da investigação percebemos que as desigualdades sociais poderão afetar a aprendizagem, o sucesso e a inclusão da criança. Contudo estas podem ser atenuadas com base nas práticas e estratégias promotoras de igualdade por parte do docente, tal como através de uma diferenciação pedagógica. É uma questão de o docente aliar-se ao aluno e compreender o seu ambiente familiar, interesses e vivências de modo a tirar proveito para atenuar as desigualdades que possam afetar o seu percurso escolar.

Na segunda questão: **Em que medida os fatores externos à instituição escolar poderão interferir com a aprendizagem, bem como com o sucesso escolar?**

Com a investigação, podemos concluir que existem diversos fatores extrínsecos, como por exemplo a falta de apoio familiar, o ambiente familiar em que a criança está inserida, problemas financeiros e as práticas educativas do docente (Formosinho, 2012). Estes fatores podem ser prejudiciais ao sucesso escolar e fazer com que a criança seja excluída. Durante a investigação empírica, percebemos através de Benavente (1994) e Mendonça (2009) que o insucesso escolar se centra nos alunos provenientes de famílias de classes baixas.

Contudo, uma vez mais, o docente tem um papel fundamental ao conhecer o seu grupo de alunos, bem como as suas diferenças e permitir que essas diferenças se transformam em inclusão e não exclusão.

Na terceira questão: **De que forma a instituição e os educadores/professores podem combater as desigualdades sociais dentro da escola e da sala de aula?**

Com as intervenções nas duas instituições e com a elaboração deste trabalho, podemos perceber que a instituição bem como o corpo docente deve apostar numa pedagogia diferenciada, envolvendo-se em comunidade, partilhando experiências e conhecimentos de modo a combater as desigualdades sociais das quais as crianças são portadoras. Também foi possível concluir, pelas entrevistas realizadas que as instituições e os docentes têm a missão de nunca deixar nenhum aluno para trás, isto é, apesar das

suas desigualdades sociais interferirem no processo de aprendizagem, a instituição e o corpo docente deve incluí-lo no grupo.

Assim sendo, a instituição deverá proporcionar igualdade educativa a todas as crianças, isto é, todas deverão ter oportunidade de aprendizagem e oportunidade de sociabilidade. Desta forma, o professor ou o educador, dentro de sala continuará com o processo de igualdade na aprendizagem. Para tal o educador/professor deverá conhecer o seu grupo, ter em atenção os seus interesses e necessidade de modo a que possa proporcionar uma aprendizagem adequada a cada criança para que nenhuma se sinta excluída.

Por último, a última questão e a pergunta de partida de toda a investigação: **Que estratégias utilizar em sala de aula, de modo a proporcionar igualdade no processo de aprendizagem?**

Esta questão foi respondida também ao longo da investigação, bem como aplicada pela investigadora em questão. Esta, a nível do Pré-Escolar, optou por estratégias de partilha de saberes, experiências e vivências; pela partilha de leitura, uma vez que, nem todas as crianças têm acesso a livros, nomeadamente a livros educativos e lúdicos; pela vivência de momentos lúdicos com jogos tradicionais;

Referentemente ao 1ºCEB, optou por estratégias lúdicas de lecionamento de conteúdos e por uma aprendizagem em grupo mas com um apoio individualizado. Consideramos que uma das estratégias mais eficaz é a aprendizagem conjunta, isto é, as crianças gostam de aprender com os amigos de forma a conhecer os seus saberes e as suas experiências. Desta modo, concluímos com a investigação que os alunos demonstraram-se mais motivados e interessados na aprendizagem e na participação da mesma.

Em suma, podemos afirmar que a elaboração desta investigação contribuiu para um desenvolvimento e uma aprendizagem a nível profissional e pessoal. Esta investigação, permitiu-nos conhecer e desenvolver estratégias de inclusão e promoção de igualdade, bem como compreender o papel do educador e do professor.

Por último, ao longo do trabalho esclarecemos e realçamos a importância da utilização de uma pedagogia diferenciada, a necessidade de utilização de estratégias promotoras de inclusão e igualdade, de modo a contribuir para a vida escolar como para a vida social

das crianças. Desta forma, consideramos pertinente continuar a investigar esta problemática.

“Lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminem. Lutar pela diferença sempre que a igualdade nos descaracterize.” Boaventura de Souza Santos

7. Referências Bibliográficas

- Abrantes, P. (2010). *Desigualdades Sociais*. Estudos e Indicadores, Lisboa, Mundos Sociais.
- Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Benavente, A. (1976), *A Escola na Sociedade de Classes- O Professor Primário e o Insucesso Escolar*.Lisboa Livros Horizonte.
- Benavente, A, Campiche, J., Seabra, T. e Sebastião, J. (1994). *Renunciar à Escola: o Abandono Escolar no Ensino Básico*. Lisboa, Fim-de século.
- Bihl, A., Pfefferkorn,R. (2008). *Le système des inégalités, La Découverte*, coll. « Repères Sociologie » cit. Observatório das Desigualdades.
- Bogdan, R., Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Cardonoa, M., J., Vieira, C., Uva, M., Tavares, T., C. (2009). *Género, Cidadania e Intervenção educativa: sugestões práticas*, Lisboa: CIG.
- Costa, B. A. (1998). *Exclusões Sociais*. Fundação Mário Soares Grávida Publicações.
- Costa, J. M. (2016) *Noesis Notícias da Educação*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Craveiro, C. (2007). *Formação em Contexto: um estudo de caso no âmbito da pedagogia da infância*. Universidade do Minho.
- Davis, J. M. e Hill, M. (2006), cit. Fernandes, N. e Tomás, C. (2016) *Infância, direitos e risco(s) : velhos e novos desafios identificados a partir da análise dos Relatórios da CNPCJR (2000 e 2010)*. Forum Sociológico, Série II, nº 29, p. 21-29.
- DGE - Direção-Geral do Ensino. (2013), *Educação para a Cidadania - Linhas Orientadoras*.

- DGE - Direção-Geral do Ensino. (2017), *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*.
- Dias, I. (2008), *Violência contra as mulheres no trabalho - o caso do assédio sexual*, Sociologia, Problemas e Práticas, n.º 57, p. 11-23.
- Dubet, F. (2004) *O que é uma escola justa?*. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n.º 123, p. 539-555. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n123/a02v34123.pdf> .
Acedido em 9 – 06 – 2018.
- Fernandes, A. S. (1991). “*O Insucesso Escolar*” e *A Construção Social da Educação Escolar*. Col. Biblioteca Básica de Educação e Ensino, Edições ASA.
- Formosinho, J. (2012). *A igualdade em educação, uniformidade escolar e desafios da diferenciação*. Revista portuguesa de Investigação Educacional, vol.11.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (1997) *Educar a criança*. Fundação Caloute Gulbenkian.
- Jarrett, O. (2003). Recess in Elementary School: What Does the Research Say? ERIC Digest. www.ericdigests.org/2003-2/recess.html
- Lima, A. (1986). *Pré-Escola e Alfabetização*. Uma proposta baseada em P. Freire e J. Piaget. Petrópolis: Editora Vozes.
- Machado de Almeida, B.J. (2005). *O Sector Cooperativo em Portugal: Aspectos Económicos*. Revisores & Empresas, N°28.
- Machado, J., Alves, J.M. (2014). *Escola para todos- Igualdade, diversidade e autonomia*. Coleção e-book. Universidade Católica Editora.
- Magano, O. (2010). *Tracejar Vidas Normais. Estudo Qualitativo sobre a Integração Social de Indivíduos de Origem Cigana na Sociedade Portuguesa*, Lisboa: Universidade Aberta, tese de doutoramento em Sociologia.
- Magano, O., Mendes, M.M., Gomes, S. (2017). *Ciganos e Educação*. Revista de sociologia.
- Mendes, M., Magano, O., Costa, A. R., Moreira, L. (2014). *Impacto de políticas sociais na vida de pessoas ciganas em Portugal: velhas e novas formas de desigualdade social*. Porto, Congresso Portugal, 40 anos de democracia.

Mendonça, A. (2009). *O Insucesso Escolar: Políticas Educativas e Práticas Sociais*. Lisboa: Edição Pegado.

Mesquita, E. (2011). *Competências do Professor, Representações sobre a formação e a profissão*. Lisboa: Edições Sílabo.

Ministério da Educação. (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo*. Lisboa, Departamento da Educação Básica

Neves, I. (2015). *Um Olhar Sobre a Escola e a Ação Docente na Sociedade Contemporânea: Dilemas e Desafios*. *Tendências Pedagógicas*, nº26, p.237-252. Disponível em: <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2371/1/Ivone%20Neves%20Tendencias.pdf>. Acedido em 10 – 06 – 2018.

Niza, S. (2013) *O Modelo Curricular de Educação Pré-Escolar da Escola Moderna Portuguesa*. In OliveiraFormosinho, J. (Org.) (2013) *Modelos Curriculares para a Educação De Infância – Construindo uma práxis de participação*. Coleção Infância. Porto: Porto Editora – 4ª edição (pp. 141-160)

Nóvoa, A. (2007). Debate *Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/2943879/Desafios-do-trabalho-do-professor-Antonio-Novoa>. Acedido em 31-05-2018.

OEI (2003). *Breve Evolução Histórica do Sistema Educativo*, Ministério da Educação De Portugal. Sistema Educativo Nacional de Portugal.

Perrenoud, P. (2000). *Pedagogia Diferenciada – Das Intenções à Ação*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Projeto Educativo (2012). *Do que somos...Para o que podemos dar...*, Associação de Solidariedade Social de Mão Dadas.

Quivy, R., Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva.

Quivy, R., Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva.

Rodrigues, M. L. (2015). *40 anos de políticas de Educação em Portugal - Volume I - a Construção Do sistema democrático de ensino*. Almedina.

Roldão, M. (2008). *Que educação queremos para a infância?* In, Alarcão, I. (2008) (Coord.) *Relatório do Estudo: A educação das crianças dos 0 aos 12 anos*. Lisboa, Conselho Nacional de Educação (p. 176- 197). Disponível em: <http://www.cnedu.pt/>. Acedido em 9 – 6 – 2018.

Santos, C., Loureiro, H., Silva, J. (2010). *Roteiro Social pela Igualdade do Município de Gondomar*. Câmara Municipal de Gondomar – Pelouro de Ação Social. Empresa Diário do Porto, Lda.

Saramago, S. (2001). *Metodologias de Pesquisa Empírica com Crianças*. Sociologia, Problemas e Práticas, nº35, p. 9-29.

Silva, I. L. (coord.) et al. (2016) *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.

Stoer, S. (2008). *A reforma de Veiga Simão no ensino: projecto de desenvolvimento social ou "disfarce humanista"?*. Educação, Sociedade de Culturas.

Vasconcelos, T. (2007) *A Importância da Educação na Construção da Cidadania*. Revista saber (e) educar 12.

Vasconcelos, T. (Coord.) (2012) *Trabalho por Projectos na Educação de Infância: Mapear Aprendizagens, Integrar Metodologias*. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC) Ministério da Educação.

Referências Legislativas:

Decreto-Lei nº. 40964, de 31 de Dezembro do Ministério da Educação Nacional - Direcção-Geral do Ensino Primário. Diário do Governo n.º 284/1956, Série I de 1956-12-31. Disponível em <https://dre.pt/application/conteudo/293489>

Decreto-Lei n.º 42994, de 28 de Maio do Ministério da Educação Nacional – Direcção-Geral do Ensino Primário. Diário do Governo n.º 125/1960, Série I de 1960-05-28. Disponível em <https://dre.pt/application/conteudo/504301>

Decreto-Lei n.º 45810, de 9 de Julho do Ministério da Educação Nacional – Secretaria- Geral. Diário do Governo n.º 160/1964, Série I de 1964-07-09. Disponível em <https://dre.pt/application/conteudo/578769>

Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de Agosto do Ministério da Educação - Diário da República n.º 201/2001, Série I-A de 2001-08-30. Disponível em <https://dre.pt/application/conteudo/631837>

Decreto-Lei n.º 79/2014, de 14 de Maio do Ministério da Educação e Ciência - Diário da República n.º 92/2014, Série I de 2014-05-14. Disponível em <https://dre.pt/application/conteudo/25344769>

Despacho n.º 17169/2011, de 23 de Dezembro do Ministério da Educação e Ciência - Diário da República n.º 245, Série II de 2011-12-23. Disponível em <https://dre.pt/application/conteudo/1011055>

Despacho n.º 6173/2016, de 10 de maio do Gabinete da Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade e do Secretário de Estado da Educação – Diário da República n.º 90, Série II de 2016-05-10. Disponível em <https://dre.pt/application/conteudo/74377024>

Despacho n.º 9311/2016, de 21 de Julho do Gabinete do Secretariado de Estado da Educação - Diário da República n.º 139, Série II de 2016 -07-21. Disponível em <https://dre.pt/application/conteudo/75007396>

Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei n.º 46/86. Diário da República n.º 237/1986, Série I de 1986-10-14. Disponível em https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/70328402/201701251538/exportPdf/normal/1/cacheLevelPage?_LegislacaoConsolidada_WAR_drefrontofficeportlet_rp=diploma

Lei nº 4/97, de 10 de fevereiro da Assembleia da República. Diário da República nº.34/1997, Série I- A de 1997-02-10.

Disponível em <https://dre.pt/application/conteudo/561219>

Lei nº 5/97, de 10 de fevereiro da Assembleia da República. Diário da República nº 34/1997, Série I- A de 1997 – 02-10.

Disponível em <https://dre.pt/application/conteudo/561219>

Referências Sitográficas:

Direção- Geral do Ensino - As Metas do Ensino Básico

<http://metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/ensino-basico/apresentacao/index.html>

Direção- Geral do Ensino - Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

Estudo Nacional sobre as Comunidades Ciganas:

http://www.poatfse.qren.pt/upload/docs/Documentos/estudo_ennic.pdf

Observatório das Desigualdades:

<http://observatorio-das-desigualdades.cies.iscte.pt/index.jsp?page=projects&id=94>

Observatório das Comunidades Ciganas:

<http://www.acm.gov.pt/pt/-/observatorio-das-comunidades-ciganas-obci-1>

Plano Nacional de Leitura:

<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/index.php?s=diretorio&pid=97&ppid=96>

PorData:

<https://www.pordata.pt/Portugal/Dimens%C3%A3o+m%C3%A9dia+dos+agregados+dom%C3%A9sticos+privados+-511>

Anexos

Anexo 1: Entrevista à educadora, da mista 4, da Associação de Solidariedade Social de Mãos Dadas

Transcrição da Entrevista à Educadora D. O. Da Instituição A

1. Quais são as missões e os valores que a instituição tem?

A missão da instituição e os valores visam sobretudo na área social e da pedagogia.

2. Quais são os modelos ou metodologias pedagógicas que utiliza em sala?

Na sala usamos algumas metodologias como é o caso: MEM, High Scope e Pedagogia de projeto.

3. Quantas crianças tem em sala?

26 crianças

4. Constata diferenciação do nível social entre o grupo de crianças?

Na sala existem diferenças sociais significativas. Isso nota-se no acesso que as crianças têm a diferentes meios e situações, como cinemas, museus, espaços exteriores e atividades.

5. Na sua opinião, o meio exterior à sala de aula afeta no desenvolvimento da criança?

Sim, porque o acesso cultural é diferente, dependendo da classe social.

6. Como é que identifica as diversas desigualdades entre as crianças do grupo?

As diferenças sociais são visíveis no tipo de vivências familiares de cada criança, como no acesso que têm à cultura, a materiais, a viagens no país e ao exterior, etc...

7. Como é que gere a heterogeneidade do grupo de crianças?

Como existe partilha entre as crianças, muitas vezes existe apoio e partilha de saberes, materiais e experiências entre as crianças.

8. Como é que as situações de desvantagem social transportadas pelas crianças são geridas pelos educadores?

No dia a dia não se sente na sala as desvantagens sociais de algumas crianças. Apenas se nota alguma dificuldade de acesso a visitas ao exterior ou atividades extra curriculares.

9. Como é que organiza as suas práticas, de forma a orientar o grupo de crianças a um percurso académico, pessoal e social de sucesso?

Nesta fase escolar é essencial que todos tenham acesso aos mesmos estímulos em contexto escolar. A nível familiar é difícil intervir.

10. Que tipos de atividades e experiências proporciona ao grupo de crianças, tendo em conta as diferentes necessidades das crianças?

Tendo em conta as diferenças económicas só é pedido aos pais investimento monetário no que é mesmo necessário e tenta-se que as atividades de sala sejam o mais enriquecedoras possível.

11. Na sua opinião, qual o papel de um educador para a promoção de igualdade no sucesso educativo?

Devemos dar a mesma oportunidade a todos os alunos e não “discriminar” tendo em conta as possibilidades financeiras de cada família.

12. Na sua opinião, qual a maior dificuldade em combater as desigualdades sociais em sala de aula?

Numa IPSS já existe igualdade de oportunidades para todos. O acesso à educação, às atividades e à participação em visitas ao exterior é igual a todos os alunos independentemente do escalão social/financeiro ao qual pertencem, pois existem diferentes escalões de IRS consoante as diferentes necessidades.

Anexo 2: Entrevista aos alunos do 2º B do Centro Escolar EB1/JI de Costa Cabral

Transcrição da Entrevista aos alunos do 2ºB da Instituição B

Aluno R

1. **Idade:** sete anos
2. **Com quem vives:** Eu vivo com os meus pais, irmão
3. **Quantos irmãos tens?** Eu tenho um irmão
4. **Gostas da escola? Porquê?** Sim. Porque gosto de aprender
5. **Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)** Gosto do recreio
6. **O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)** Eu gosto da escola porque a minha professora é muito minha amiga.
7. **Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?**
Na minha opinião as crianças devem estar na escola para aprender.
8. **Na tua opinião, para quê que serve a escola?**
Para aprender.
9. **Andas no ATL? Se sim, onde?**
Sim. Na escola de Cosa Cabral
10. **Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?**
Em casa.
11. **Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?**
É o meu pai
12. **Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?**
O meu pai.
13. **Gostas de ler?**
Sim
14. **Lês quantas vezes por semana?**
sete vezes.

15. O que significa para ti ter sucesso na escola?

Não sei

16. Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?

Sim.

Aluno R

1. Idade: 7 anos

2. Com quem vives: Com a mãe, o pai, a avó, o avô e a Beatriz

3. Quantos irmãos tens? 1

4. Gostas da escola? Porquê? Sim, porque trabalhamos muito

5. Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório) O espaço que gosto mais é a sala de aula porque é aí que trabalhamos .

6. O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação) O que eu gosto mais na escola são as matérias.

7. Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?

Na minha opinião as crianças devem ir para aprender.

8. Na tua opinião, para quê que serve a escola?

Na minha opinião, a escola serve para aprender.

9. Andas no ATL? Se sim, onde?

Não

10. Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?

Eu faço os trabalhos de casa em casa.

11. Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?

Na minha casa, a minha mãe ajuda-me a fazer os trabalhos de casa, mas as vezes sou eu que os faço.

12. Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?

Não

13. Gostas de ler?

Eu adoro ler

14. Lês quantas vezes por semana?

7 vezes

15. O que significa para ti ter sucesso na escola?

O sucesso na escola, para mim significa saber muita coisa

16. Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?

Não sei

Aluno R

1. Idade: 7

2. Com quem vives: pai, mãe

3. Quantos irmãos tens? 2

4. Gostas da escola? Porquê? Sim, porque me ajudam

5. Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)

Sala de aula

6. O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)

professores

7. Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?

Para aprender

8. Na tua opinião, para quê que serve a escola?

Para aprender

9. Andas no ATL? Se sim, onde?

Não

10. Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?

casa

11. Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?

Não, sim

12. Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?

Às vezes

13. Gostas de ler?

sim

14. Lês quantas vezes por semana?

4

15. O que significa para ti ter sucesso na escola?

Aprender mais

16. Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?

Sim

Aluno B

1. Idade: 7

2. Com quem vives: mãe, pai, irmãos e gata

3. Quantos irmãos tens? 2

4. Gostas da escola? Porquê? Sim, porque é muito divertida e também de ler

5. Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)

Gosto mais de estar na sala de aula

6. O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)

Os professores, amigos e colegas

7. Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?

Para aprender

8. Na tua opinião, para quê que serve a escola?

Para aprender

9. Andas no ATL? Se sim, onde?

Costa Cabral

10. Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?

Em casa

11. Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?

Não

12. Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?

Não

13. Gostas de ler?

Sim

14. Lês quantas vezes por semana?

Todos os dias

15. O que significa para ti ter sucesso na escola?

Não sei

16. Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?

Sim

Aluno C

1. Idade: 7

2. Com quem vives: Pai, mãe e o irmão

3. Quantos irmãos tens? 1

4. Gostas da escola? Porquê?

Sim, porque a escola é divertida

5. Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)

Eu gosto de estar com os meus amigos no recreio

6. O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)

Eu gosto mais das professoras, colegas, amigos e as aec`s

7. Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?

Porque a escola faz aprender

8. Na tua opinião, para quê que serve a escola?

Para aprender a ler

9. Andas no ATL? Se sim, onde?

Sim, ando no ATL da dona Irene

10. Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?

Em casa e no ATL

11. Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?

Sim ajuda-me o pai e a mãe

12. Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?

Sim, o pai e a mãe

13. Gostas de ler?

Sim

14. Lês quantas vezes por semana?

4

15. O que significa para ti ter sucesso na escola?

Não sei

16. Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?

Sim

Aluno D

1. Idade: 7 anos

2. Com quem vives: pais, irmãos

3. Quantos irmãos tens? 3

4. Gostas da escola? Porquê? Sim. Porque brinco com os meus amigos

5. Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)

Recreio

6. O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)

dos meus amigos

7. Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?

Para aprender

8. Na tua opinião, para quê que serve a escola?

Para aprender

9. Andas no ATL? Se sim, onde?

Não

10. Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?

Em casa

11. Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?

Mãe

12. Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?

Sim

13. Gostas de ler?

Não

14. Lês quantas vezes por semana?

0

15. O que significa para ti ter sucesso na escola?

Não sei

16. Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?

Ravi cigano

Aluno D

1. **Idade:** 7 anos
2. **Com quem vives:** mãe, irmão e o namorado da minha mãe
3. **Quantos irmãos tens?** 1
4. **Gostas da escola? Porquê?** Não. Batem-me

5. **Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)**
biblioteca

6. **O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)**
amigo Diego e o Rodrigo

7. **Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?**
Para aprender

8. **Na tua opinião, para quê que serve a escola?**
Para aprender

9. **Andas no ATL? Se sim, onde?**
Sim Costa Cabral
10. **Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?**
Sim em casa e no ATL

11. **Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?**
Não

12. **Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?**
O ATL, a mãe, pai e a avó

13. **Gostas de ler?**
Sim adoro ler
14. **Lês quantas vezes por semana?**
Eu leio por semana trinta vezes
15. **O que significa para ti ter sucesso na escola?**
Não sei

16. **Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?**
Sim o Luís veio do Brasil

Aluno G

1. **Idade:** Eu tenho 7 anos
2. **Com quem vives:** Eu vivo com os meus irmãos e pais
3. **Quantos irmãos tens?** Eu tenho 2 irmãos
4. **Gostas da escola? Porquê?** Eu adoro a escola, porque gosto de trabalhar e conviver

5. **Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)**
Eu gosto mais do recreio

6. **O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)**
Eu gosto do meu amigo Ravi

7. **Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?**
As crianças devem ir à escola, porque têm de aprender

8. **Na tua opinião, para quê que serve a escola?**
A escola serve para aprender

9. **Andas no ATL? Se sim, onde?**
Eu não
10. **Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?**
Eu faço os trabalhos de casa em casa

11. **Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?**
A minha mãe ajuda-me a fazer o trabalho de casa

12. **Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?**
As minhas professoras ajudam-me a trabalhar

13. **Gostas de ler?**
Sim gosto de ler
14. **Lês quantas vezes por semana?**
3 vezes
15. **O que significa para ti ter sucesso na escola?**
Não sei

16. **Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?**
Não sei

Aluno H

1. **Idade:** 7 anos
2. **Com quem vives:** Mãe, irmão, namorado da minha mãe e eu

3. **Quantos irmãos tens?** Um irmão
4. **Gostas da escola? Porquê?** Porque gosto de trabalhar ir à biblioteca e brincar
5. **Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)**
sala de aula
6. **O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)**
E gosto mais disto tudo
7. **Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?**
As crianças devem ir à escola porque têm de aprender
8. **Na tua opinião, para quê que serve a escola?**
Na minha opinião a escola serve para aprender
9. **Andas no ATL? Se sim, onde?**
Sim, da escola de Costa Cabral
10. **Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?**
Faço os trabalhos de casa no ATL e em casa
11. **Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?**
A minha mãe e o meu pai
12. **Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?**
Sim a minha mãe e pai
13. **Gostas de ler?**
Sim
14. **Lês quantas vezes por semana?**
1 ou 2 vezes
15. **O que significa para ti ter sucesso na escola?**
Que gosto de estudar
16. **Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?**
Sim

Aluno J

1. **Idade:** 7
2. **Com quem vives:** o pai, mãe, avó e irmã
3. **Quantos irmãos tens?** 1
4. **Gostas da escola? Porquê?** Sim, porque é divertido

5. **Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)**
Gosto do recreio e da biblioteca
6. **O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)**
Gosto dos meus colegas, das matérias, as aec's, dos professores e da alimentação
7. **Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?**
Para fazer amigos
8. **Na tua opinião, para quê que serve a escola?**
Para aprender
9. **Andas no ATL? Se sim, onde?**
Não
10. **Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?**
Em casa
11. **Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?**
Sim, a mãe, o pai e a irmã
12. **Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?**
Sim, pais e a irmã
13. **Gostas de ler?**
Sim
14. **Lês quantas vezes por semana?**
7
15. **O que significa para ti ter sucesso na escola?**
É ser popular
16. **Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?**
Sim

Aluno L

1. **Idade:** 8
2. **Com quem vives:** Pai, mãe e irmão
3. **Quantos irmãos tens?** 1
4. **Gostas da escola? Porquê?** Mais ou menos, porque não gosto muito de aprender
5. **Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)**

Recreio

- 6. O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)**
Professores e amigos
- 7. Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?**
Para aprender letras e as contas
- 8. Na tua opinião, para quê que serve a escola?**
Para aprender
- 9. Andas no ATL? Se sim, onde?**
Não ando
- 10. Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?**
Em casa
- 11. Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?**
A minha mãe e o meu pai
- 12. Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?**
Sim a minha mãe e o meu pai
- 13. Gostas de ler?**
Não
- 14. Lês quantas vezes por semana?**
0
- 15. O que significa para ti ter sucesso na escola?**
Não sei
- 16. Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?**
Sim

Aluno L

- 1. Idade:** 7 anos
- 2. Com quem vives:** Mãe e irmão
- 3. Quantos irmãos tens?** 3 irmãos
- 4. Gostas da escola? Porquê?** Sim. Porque o recreio
- 5. Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)**
Recreio

6. **O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)**
Colegas e professores
7. **Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?**
Para aprender
8. **Na tua opinião, para quê que serve a escola?**
Para as crianças aprenderem
9. **Andas no ATL? Se sim, onde?**
Não
10. **Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?**
Casa
11. **Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?**
Sim, irmãos
12. **Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?**
Sim, irmãos
13. **Gostas de ler?**
Não
14. **Lês quantas vezes por semana?**
Zero
15. **O que significa para ti ter sucesso na escola?**
Não sei
16. **Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?**
Sim

Aluno M

1. **Idade:** 7 anos
2. **Com quem vives:** Eu vivo com os meus pais
3. **Quantos irmãos tens?** 2
4. **Gostas da escola? Porquê?** Porque a escola serve para estudar e para brincar com os amigos
5. **Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)**
Recreio
6. **O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)**

Amigos

7. **Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?**
Porque é para aprender
8. **Na tua opinião, para quê que serve a escola?**
É para aprender
9. **Andas no ATL? Se sim, onde?**
Sim
10. **Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?**
Eu faço os TPC no ATL
11. **Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?**
Não
12. **Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?**
Silvana
13. **Gostas de ler?**
Sim
14. **Lês quantas vezes por semana?**
3
15. **O que significa para ti ter sucesso na escola?**
Não sei
16. **Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?**
Não sei

Aluno M

1. **Idade:** sete anos
2. **Com quem vives:** vivo com a minha mãe e com o meu pai
3. **Quantos irmãos tens?** zero
4. **Gostas da escola? Porquê?** Sim, gosto da escola porque tem uma professora e uma estagiária muito divertida
5. **Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)**
Gosto do recreio
6. **O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)**
Gosto dos meus amigos por brincarem comigo

7. **Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?**
As crianças devem estar na escola para aprenderem muitas coisas
8. **Na tua opinião, para quê que serve a escola?**
A escola serve para aprender
9. **Andas no ATL? Se sim, onde?**
Não
10. **Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?**
Eu faço os trabalhos de casa em casa
11. **Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?**
Sim a minha mãe
12. **Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?**
Não
13. **Gostas de ler?**
Sim
14. **Lês quantas vezes por semana?**
Uma
15. **O que significa para ti ter sucesso na escola?**
Não sei
16. **Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?**
Sim

Aluno M

1. **Idade:** 7
2. **Com quem vives:** Mãe e avô
3. **Quantos irmãos tens?** 0
4. **Gostas da escola? Porquê?** Sim, porque eu tenho amigos. É bom.
5. **Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)**
Recreio
6. **O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)**
Professor e escola
7. **Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?**
Para aprender

8. **Na tua opinião, para quê que serve a escola?**
Aprender
9. **Andas no ATL? Se sim, onde?**
E o Popas . Sim
10. **Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?**
No ATL
11. **Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?**
Não
12. **Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?**
Ninguém
13. **Gostas de ler?**
Sim
14. **Lês quantas vezes por semana?**
7
15. **O que significa para ti ter sucesso na escola?**
Não sei
16. **Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?**
Sim

Aluno M

1. **Idade:** 7
2. **Com quem vives:** Tia, prima, primo, primo bebé e avó
3. **Quantos irmãos tens?** 0
4. **Gostas da escola? Porquê?** Sim, porque a escola é boa para aprender
5. **Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)**
Recreio
6. **O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)**
Professora, amigos e educação física
7. **Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?**
Para aprender as letras e as contas
8. **Na tua opinião, para quê que serve a escola?**
Para aprender

9. **Andas no ATL? Se sim, onde?**
Sim em Costa Cabral
10. **Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?**
No ATL
11. **Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?**
Sim, a minha tia, prima ou avó
12. **Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?**
Sim a minha prima ou a amiga da minha prima
13. **Gostas de ler?**
Mais ou menos
14. **Lês quantas vezes por semana?**
2 ou 3
15. **O que significa para ti ter sucesso na escola?**
Não sei
16. **Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?**
Sim

Aluno M

1. **Idade:** 7 anos
2. **Com quem vives:** Pai, mãe e com o meu irmão
3. **Quantos irmãos tens?** 1
4. **Gostas da escola? Porquê?** Sim, porque brinco com a minha melhor amiga e brincamos muito no recreio
5. **Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)**
Recreio
6. **O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)**
Amigos, professores e a alimentação
7. **Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?**
Para aprender e para brincar
8. **Na tua opinião, para quê que serve a escola?**
Para nós aprendermos
9. **Andas no ATL? Se sim, onde?**
Não

- 10. Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?**
Em casa
- 11. Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?**
O meu pai ou a minha mãe
- 12. Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?**
Sim o pai ou a mãe
- 13. Gostas de ler?**
Sim, gosto
- 14. Lês quantas vezes por semana?**
Uma vez por dia
- 15. O que significa para ti ter sucesso na escola?**
Ter boas notas
- 16. Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?**
Sim

Aluno R

- 1. Idade:** 7 anos
- 2. Com quem vives:** Vivo com a minha mãe e com o meu irmão
- 3. Quantos irmãos tens?** 1
- 4. Gostas da escola? Porquê?** Sim porque tenho aqui os meus amigos
- 5. Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)**
Gosto de todos os espaços
- 6. O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)**
Amigos
- 7. Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?**
Para estudar
- 8. Na tua opinião, para quê que serve a escola?**
Para estudar
- 9. Andas no ATL? Se sim, onde?**
Não
- 10. Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?**
Em casa

- 11. Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?**
A minha mãe
- 12. Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?**
Sim a minha mãe
- 13. Gostas de ler?**
Sim
- 14. Lês quantas vezes por semana?**
5
- 15. O que significa para ti ter sucesso na escola?**
Não si
- 16. Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?**
Sim

Aluno R

- 1. Idade:** Nove
- 2. Com quem vives:** Com o meu pai e mãe
- 3. Quantos irmãos tens?** 3
- 4. Gostas da escola? Porquê?** Não tenho que levantar as 7 da manhã
- 5. Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)**
Recreio e biblioteca
- 6. O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)**
Amigos, contos e aprender coisas novas
- 7. Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?**
Para aprender
- 8. Na tua opinião, para quê que serve a escola?**
Para aprender
- 9. Andas no ATL? Se sim, onde?**
Sim. No mochinho do saber
- 10. Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?**
ATL
- 11. Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?**
Não

12. Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?

Sim, o pai e a mãe

13. Gostas de ler?

Sim

14. Lês quantas vezes por semana?

4

15. O que significa para ti ter sucesso na escola?

Não sei

16. Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?

Sim

Aluno R

1. Idade: 7

2. Com quem vives: Pai, mãe, irmão

3. Quantos irmãos tens? 2

4. Gostas da escola? Porquê? Sim, porque nos aprendemos muito

5. Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)

Recreio

6. O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)

professores, colegas e educação física

7. Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?

Para aprender

8. Na tua opinião, para quê que serve a escola?

Para aprender as letras

9. Andas no ATL? Se sim, onde?

Não

10. Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?

Faço os trabalhos de casa em casa

11. Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?

Pai e mãe

12. Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?

Sim, o pai e a mãe

- 13. Gostas de ler?**
Sim
- 14. Lês quantas vezes por semana?**
Leio todos os dias
- 15. O que significa para ti ter sucesso na escola?**
Significa muito animado
- 16. Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?**
Não sei

Aluno S

- 1. Idade:** 7
- 2. Com quem vives:** Pai e mãe
- 3. Quantos irmãos tens?** 1
- 4. Gostas da escola? Porquê?** Sim, porque gosto do recreio
- 5. Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)**
Biblioteca
- 6. O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)**
Professores e colegas
- 7. Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?**
Para aprender
- 8. Na tua opinião, para quê que serve a escola?**
Para ler
- 9. Andas no ATL? Se sim, onde?**
Sim, Costa Cabral
- 10. Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?**
Em casa e no ATL
- 11. Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?**
Não
- 12. Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?**
Sim, o pai e a mãe
- 13. Gostas de ler?**
Sim, para não ter o nome no quadro

14. Lê quantas vezes por semana?

4

15. O que significa para ti ter sucesso na escola?

Para ter boas notas

16. Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?

Não sei

Aluno T

1. Idade: 9 anos

2. Com quem vives: Com a minha mãe, pai e os irmãos

3. Quantos irmãos tens? 2 irmãos

4. Gostas da escola? Porquê? Gosto da escola, porque é gira

5. Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)

Gosto mais do recreio

6. O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)

Gosto mais dos amigos e educação física

7. Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?

Para aprender, para ter amigos e para estudar

8. Na tua opinião, para quê que serve a escola?

Serve para aprender

9. Andas no ATL? Se sim, onde?

Não

10. Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?

Faço os trabalhos de casa em casa

11. Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?

É minha irmã

12. Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?

Não

13. Gostas de ler?

Sim

14. Lê quantas vezes por semana?

1

15. O que significa para ti ter sucesso na escola?

Não sei

16. Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?

Não sei

Aluno A

1. Idade: sete

2. Com quem vives: pai e mãe e o meu irmão

3. Quantos irmãos tens? Tenho um

4. Gostas da escola? Porquê? Sim porque o recreio é muito fixe

5. Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)

Recreio porque tem cambalhotas

6. O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)

amigos

7. Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?
para aprender a ler e a escrever

8. Na tua opinião, para quê que serve a escola?
para aprender

9. Andas no ATL? Se sim, onde?
não

10. Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?
faço os trabalhos de casa em casa

11. Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?
a minha mãe e o meu pai

12. Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?
ajuda

13. Gostas de ler?
sim

14. Lês quantas vezes por semana?
4 vezes por semana

15. O que significa para ti ter sucesso na escola?
não sei

16. Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?

sim

Aluno A

1. Idade: 7 anos

2. Com quem vives: mãe e irmã

3. Quantos irmãos tens? 1 irmã

4. Gostas da escola? Porquê? Gosto da escola porque é divertida

5. Qual o espaço que mais gostas? (Sala de aula; Recreio; Biblioteca; Refeitório)

O meu espaço preferido é a biblioteca e o recreio

6. O que mais gostas na escola? (matérias, professores, colegas/amigos, aec's, alimentação)

Gosto mais na escola é a estagiária Adriana.

7. Na tua opinião, porque é que as crianças devem estar na escola?

As crianças devem estar na escola para aprender.

8. Na tua opinião, para quê que serve a escola?

Para fazer-nos acordar cedo.

9. Andas no ATL? Se sim, onde?

Sim, no da minha escola.

10. Fazes os trabalhos de casa em casa ou no ATL?

Em casa e no Atl

11. Em casa, alguém te ajuda a fazer os trabalhos de casa? Se sim, quem?

Sim, a mãe

12. Alguém te ajuda a estudar? Se sim, quem?

Sim, a mãe

13. Gostas de ler?

sim

14. Lês quantas vezes por semana?

Todos os dias

15. O que significa para ti ter sucesso na escola?

não sei o que é o sucesso

16. Pensas que existem diferentes culturas na tua escola, meninos e meninas com hábitos diferentes?

sim

<p>escola e para que serve.</p>	<p>2 Qual o espaço que mais gostas?</p> <p>3 O que mais gostas na escola?</p> <p>4 Na tua opinião, porque é que</p>			<p>divertidas”; “gosto do recreio”; “é gira”; “é divertido”; “gosto de aprender”; “a escola é boa para aprender”; “porque aprendo muito”; “o recreio é muito fixe”; “brinco com a minha melhor amiga e brincamos muito no recreio”; “gosto de trabalhar, ir à biblioteca e de brincar”; “ a escola é divertida”; “me ajudam”; “gosto do recreio”; “serve para estudar e brincar com os meus amigos”; “tem amigos e é bom”; “é muito divertida e aprendo a ler”; “não gosto muito de aprender”; “batem-me”; “tenho de me levantar às 7 da manhã”.</p> <p><i>(A ordem das respostas é igual à da questão 1.)</i></p> <p>2 “Recreio”; “Recreio”; “Recreio”; “Recreio”; “Recreio”; “Recreio”; “Recreio”; “Recreio”; “Recreio”; “Recreio”; “Recreio”; “Recreio”; “Recreio”; “Recreio”; “Recreio e biblioteca”; “Recreio e biblioteca”; “Recreio e biblioteca”; “Biblioteca”; “Biblioteca”; “Todos os espaços”; “Sala de aula”; “Sala de aula”; “Sala de aula”; “Sala de aula”.</p> <p>3 “amigos”; “amigos”; “amigos”; “amigos”; “amigos”; “amigos”; “amigos”; “professores e amigos”; “professores e amigos”; “professores e amigos”; “professores”; “professores”; “professores”; “matérias”; “matérias”; “professores, amigos e alimentação”; “professores, amigos e educação física”; “professores, amigos e educação física”; “amigos e educação física”; “professores, amigos e aec’s”; “professores, amigos, aec’s e alimentação”; “tudo”.</p>
---------------------------------	---	--	--	---

Anexo 3: Entrevista à professora do Centro Escolar EB/1 JI Costa Cabral

Transcrição da Entrevista à Professora T.L. Da Instituição B

1. Quais são as missões e os valores que a escola tem?

Primeiramente é ensinar. Noa dias de hoje é educar, ensinar, passar valores. Antes o que era passado pela família hoje é mais um papel do professor, pelo tempo que os alunos cá passam. Cada vez mais os meninos saem sem proximidade com o próximo.

2. Quais são os modelos ou metodologias pedagógicas que utiliza em sala?

O modelo Analítico-sintético. O metodo das 28 palavras com alunos que sentem mais dificuldade. Vou adaptando os modelos consoante as crianças e as suas dificuldades. Por exemplo, tive uma aluna que só aprendeu as letras por associação às imagens.

3. Quantas crianças tem em sala?

25

4. Na sala há alunos com culturas diferentes ?

Sim. Um aluno de etnia cigana. É um “cigano” mais sociavel e não considero que se sinta muito a cultura dele em sala.

5. Constata diferenciação do nivel social entre o grupo de alunos?

Sim. Nota-se que há alunos om uma diferença a nivel económico, mais que social e nota-se em vários aspetos. Considero que seja uma questão de gestão, há alunos com pouco e não falta nada em sala existe o oposto. Alunos com muito e em sala não têm o material necessário.

Mas nos dias de hoje nota-se mais a educação do que o nivel económico. Não considero que haja meninos com necessidades. Sente-se que há alunos com o nivel económico “bom” mas têm dificuldades em socializar-se.

6. Na sua opinião, o meio exterior à sala de aula afeta no desenvolvimento da criança?

Sim, sem dúvida. As famílias disfuncionais ou sem tempo para cuidar e ou dar a atenção necessária, nota-se muito em sala de aula. A sala de aula reflete meninos inseguros.

7. Como é que identifica as diversas desigualdades entre os alunos da turma?

A turma não é um grande reflexo de desigualdades. Aqui todos têm a mesma oportunidade de igualdade. O que a família passa e transmite é que define as aspirações para a vida.

8. Como é que gere a heterogeneidade da turma?

Não é uma turma muito heterogenea. Temos alguns casos de dificuldades e mau comportamento. A nível económico e social não se sente muito. Nestes casos é que a família se faz sentir.

9. Como é que as situações de desvantagem social transportadas pelas crianças são geridas pela professora?

Fornecemos o material. Quando há saídas escolar, tentamos outras vias para que ninguém fique para trás, como por exemplo a Associação de Pais. O nosso papel é nunca deixar ninguém para trás. Mas na turma não se sente muito.

10. Como é que organiza as suas práticas, de forma a orientar a turma a um percurso académico, pessoal e social de sucesso?

Tento propor para o apoio sempre que há a necessidade e dar apoio individualizado sempre que for possível.

11. Que tipos de atividades e experiências proporciona à turma, tendo em conta as diferentes necessidades das crianças?

Não há grandes divergências. É tentar leva-los a conhecer outras realidades, tendo em conta o programa. Proporcionar visitas para uma melhor aprendizagem e consolidação de conteúdos.

12. Na sua opinião, qual o papel de um professor para a promoção de igualdade no sucesso educativo?

Tentamos sempre que todos cheguem lá. É um pouco intuitivo. Tentamos sempre que todos tenham as mesmas coisas e que nunca ninguém fique para trás.

13. Na sua opinião, qual a maior dificuldade em combater as desigualdades sociais em sala de aula?

É mais a nível da educação e valores que é mais difícil. O que a família passa para a criança, a educação e o respeito pelo professor. Para mim isto é o mais difícil de gerir do que o restante.

14. Que estratégias são preconizadas pelo Ministério da Educação para a promoção da igualdade social e de oportunidades em sala de aula ?

Há escolas com tudo e outras sem nada. Apenas nos deram mesas, cadeiras e 4 paredes vazias , mas não nos fornecem nada nem apoiam para que ajudemos a combater o que eles promovem. Para o Ministério é deixar de haver retenções, deixá-los passar, ir até ao 4º ano sem retenções.

Anexo 4: Inquérito aos Encarregados de Educação das crianças Mista 4 da instituição Associação de Solidariedade Social de Mãos Dadas

Qual o seu género? *

- Feminino
- Masculino

Dos nomes a seguir, qual é o do seu filho/educando: *

- A
- A
- A
- A
- B
- C
- C
- D
- D
- F
- G
- I
- Í

- J
- J
- K
- L
- L
- L
- M
- M
- R
- R
- T
- T
- T

Qual a sua idade? *

Qual a Sua Profissão? *

Qual o seu grau de escolaridade? *

- 1ª Classe
- 2ª Classe
- 3ª Classe
- 4ª Classe
- 5º ano
- 6º ano
- 7º ano
- 9º ano
- Curso profissional equivalente ao 9º ano
- 10º ano
- 11º ano
- 12º ano
- Curso profissional equivalente ao 12º ano
- Ensino superior incompleto
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento
- Outro:

Quantos elementos possui o seu agregado familiar? *

- 2
- 3
- 4
- Outro:

Quem são os elementos do seu agregado familiar? (Mãe, Pai, Companheiro/a, irmã/irmão, Avós, etc.)*

Possui livros, em casa, adequados ao seu filho? *

- Sim
- Não

Dispõe do seu tempo para leituras com o seu filho? *

- Sim
- Não
- Às vezes

Costuma oferecer livros ao seu filho? *

- Sim
- Não

Costumam ver filmes em Família? *

- Sim
- Não

Dispõe do seu tempo para brincar com o seu filho? *

- Sim
- Não
- Às vezes

Se sim, que brincadeiras tem com o seu filho?

Link⁸: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe9tJaHn4-opf6yn2kwAylnshYMR8kddlSnBUGQZ5Oiwdk86A/viewform?c=0&w=1>

⁸ Até ao momento de entrega do Relatório de estágio, nenhum Encarregado de Educação respondeu ao inquérito. Deste modo, é impossível fazer a análise do mesmo.

Anexo 5: Grelha de observação do grupo de criança sala mista 4 da instituição A

Nomes	Idade	Nº de irmãos	Profissão do pai	Habilitações do pai	Profissão da mãe	Habilitações da mãe	Observações	Televisão	Recursos	Comportamentos
A	5 anos	1 irmão	Manobrador de máquina	9º ano	Vendedora	9º ano	O pai trabalha em França Vocabulário enriquecido Boa compreensão leitora e oral Grande capacidade de explicitação Autónomo	Patrulha Pata Super-heróis da Marvel Transformes Tartarugas Ninja O incrível mundo de Gumball Canal Panda Disney Nicklodeon Cartoon network	Passeia com os pais Brinquedos Bonecos Livros	Calmo longe de alguns amigos, caso contrário é irrequieto e violento em algumas brincadeiras
A	3 anos	1 irmã	Técnico de laboratório	12ºano	Desempregada	12ºano	A criança apresenta Défice geral de desenvolvimento Iniciou a 31/10/16 a terapia da fala Iniciou a 31/10/16 a terapia da fala Dificuldade de compreensão oral	-		Meiga
A	5 anos	1 irmã	Empregado de Mesa	6º ano	Cozinheira	12º ano	Vocabulário adequado Boa compreensão Autonomia parcial Capacidade de explicitação parcial	Patrulha Pata Canal Panda Disney	Brinquedos	Calmo e bem comportado Adora a Hello Kitty, gosta de travessões, pulseiras
A	4 anos	-	Motorista de Pesados	9ºano	Desempregada	Frequência Universitária	Vocabulário adequado Boa compreensão	Patrulha Pata Canal Panda Disney	Brinquedos	Calma, teimosa, desatenta/distraída

							Pouca autonomia Pouca capacidade de explicitação			
B	5 anos	-	Informático		Administrativa	Licenciatura	Usa óculos Vocabulário adequado Boa compreensão Autonomia parcial Capacidade de explicitação parcial	Patrulha Pata LadyBug KC.Agente Secreta Canal Panda Disney	Livros e livros de aprendizagem Brinquedos	Bem comportada
C	5 anos	1 irmão	-	12ºano	Estudante	12º ano	O irmão frequentou o DMD com a mesma educadora Prima mais nova na mesma sala Vocabulário adequado Boa compreensão Autónoma Capacidade de explicitação adequada	Patrulha Pata LadyBug Canal Panda Disney	Livros Bonecos Passeia com os pais	Extrovertida, gosta de liderar e de ser responsável
D	4 anos	2 irmãos	Manutenção de Máquinas	10º ano	Funcionária de Limpeza	4ª classe	Irmãos de outro casamento Vocabulário adequado Boa compreensão Autonomia parcial Capacidade de explicitação parcial	Patrulha Pata Canal Panda Disney	Livros Brinquedos	Sossegada, um pouco tímida e bem comportada
F	5 anos	-	Desempregado	6º ano	Curso Geral Bancário	NOR	Vocabulário adequado Boa compreensão Autonomia parcial	Patrulha Pata Canal Panda Disney	Bonecos, desenhos	Sossegada, um pouco tímida e bem comportada

							Pouca capacidade de explicitação			
G	4 anos	-	Desempregado	2ºano	Empregada de bar do ISEP	6ºano	Usa óculos Vocabulário enriquecido e rural Boa compreensão Autónomo Capacidade de explicitação adequada	Patrulha Pata Super-heróis da Marvel Transformes Tartarugas Ninja Canal Panda Disney Nicklodeon Cartoon network	Bonecos	Irrequieto e desobiente
I	5 anos	-	Geólogo	Licenciatura	Cardioneurologista	Licenciatura	Pai trabalha em Moçambique Vocabulário enriquecido Boa compreensão Autonomia parcial Incapacidade de resolução de problemas Boa capacidade de explicitação	Patrulha Pata KC.Agente Secreta LadyBug Novelas: Única Mulher Canal Panda Disney TVI SIC	Brinquedos	Bem comportada, gostar de arranjar casais
Ì	4 anos	-	Eletrecista	9ºano	Auxiliar de Ação Educativa	9ºano	Vocabulário adequado Boa compreensão Autónoma Capacidade de explicitação adequada	Patrulha Pata LadyBug Canal Panda Disney	Passeia com os pais Livros	Bem comportada e calma
J	5 anos	-	Mecânico de máquinas	6ºano	Secretária de Clínica	12º ano	O Pai trabalha no estrangeiro Vocabulário adequado Boa compreensão Autónoma Capacidade de explicitação adequada	Patrulha Pata LadyBug KC.Agente Secreta Canal Panda Disney	Livros Brinquedos Bonecos Jogos Passeia com os pais	Extrovertida, bem comportada

J	5 anos	2 irmãos	Assistente Técnico	12º ano	Bombeira	12ºano	Problema na fala, dificuldade em falar, gagueja Tem 1 mais velho e outro mais novo, irmãos maternos Pais separados e guarda paterna Mãe tem visitas ocasionalmente Vocabulário adequado Compreensão adequada Autonomia parcial Pouca capacidade de explicitação	Patrulha Pata Transformes Tartarugas Ninja Canal Panda Disney Nicklodeon Cartoon network	Bonecos	Bem comportado
L	3 anos	-	Técnico de Eletromecânica	7º ano	Desempregada	12ºano	Veio este ano da Creche Vocabulário pobre Compreensão adequada Pouca autonomia Pouca capacidade de explicitação	Patrulha Pata Canal Panda Disney		Bate nos amigos
L	5 anos	1 irmã	Enfermeiro	Licenciatura	Enfermeira	Licenciatura	Vocabulário rico Boa Compreensão Autônoma Grande capacidade de explicitação	Patrulha Pata LadyBug Filmes Disney Canal Panda Disney	Livros Jogos Passeia com os pais	Sossegada, bem comportada, interessada
M	5 anos	-	Desempregado	12º ano	Técnica de laboratório	Curso de Nível 4	Avó é cozinha na instituição Vocabulário rico Boa Compreensão Autônoma Grande capacidade de explicitação	Patrulha Pata LadyBug Filmes Disney Canal Panda Disney	Passeia com os pais Livros Jogos	Extrovertida, irrequieta, teimosa

R	5 anos	1 irmã	Tecnico de CNC	9ºano	Empregada de hotelaria	12ºano	Irmã paterna – desconhecida Bom Vocabulário no entanto por vezes pouco adequado Compreensão adequada Autónomo capacidade de explicitação adequada	O incrível mundo de Gumball Transformes Tartarugas Ninja Canal Panda Disney Nicklodeon Cartoon network	Bonecos	Dócil mas irrequieto, tem brincadeiras violentas e por vezes vocabulário inapropriado Teimoso
R	4 anos	-	Vigilante	12ºano	Administrativa	12º ano	Usa óculos Vocabulário adequado Compreensão adequada Autónomo capacidade de explicitação adequada	Patrulha Pata Super-heróis da Marvel Transformes Tartarugas Ninja O incrível mundo de Gumball Canal Panda Disney Nicklodeon Cartoon network	Livros Bonecos	Calmo longe de alguns amigos, caso contrário é irrequieto e violento em algumas brincadeiras
L	4 anos	1 irmã	Agente de Viagens	12ºano	Esteticista	12ºano	Usa óculos Vocabulário adequado Compreensão adequada Autonomia parcial Pouca capacidade de explicitação	Patrulha Pata Canal Panda Disney	Brinquedos	
K	4 anos	1 irmão	Estudante de Mestrado	Licenciatura em Direito	Advogada	Licenciatura em Direito	A criança é Brasileira e é nova na instituição dado que chegou à 2 meses do Brasil. Vocabulário adequado, apesar de alguns conteúdos	Canal Panda Disney	Passeia com os pais Brinquedos	Bem comportado e com gosto de liderança e teimosa

							serem desconhecido devido à sua origem Compreensão adequada Autônoma Boa capacidade de explicitação			
T	5 anos	1 irmão	Empregado de Balcão	9º	Empregada de Balcão	12º	A criança tem Espinha Bífida Vocabulário enriquecido Compreensão adequada Autônomo, consoante as suas capacidades Boa capacidade de explicitação	Canal Panda Disney	Livros	
T	5 anos	1 irmão	Desempregado	Frequência Universitária	Professora de Matemática	Licenciatura	O irmão frequentou o DMD com a mesma educadora Regressou à instituição recentemente Vocabulário enriquecido Compreensão adequada Autônomo parcial capacidade de explicitação adequada	Patrulha Pata Tartarugas Ninja Canal Panda Disney	Brinquedos Bonecos	
M	3 anos						Os pais estão separados e têm guarda partilhada Vocabulário adequado à idade	Patrulha Pata Canal Panda Disney	Livros Brinquedos Passeia com os pais	Bem comportada mas exigente para com todos e um pouco “possessiva”,

							Compreensão adequada, por vezes confusa Autonomia parcial capacidade de explicitação adequada			
--	--	--	--	--	--	--	---	--	--	--

NOR - Não Obteve Resposta

Anexo 6: Grelha de observação dos alunos do 2ºB da Instituição B

Nomes	Idade	Residência	Nº de irmãos	Profissão do pai	Habilitações do Pai	Profissão da mãe	Habilitações da Mãe	Observações
A	7	Porto	1	Engenheiro	Licenciatura	Professora	Doutoramento	Aluno calmo, comunicativo e empenhado.
A	7	Porto	1	Manager	Licenciatura	Coordenadora têxtil	Licenciatura	Pais separados
B	7	Porto	2		Licenciatura	Administrativa	12º ano	Pais separados. Prima do Salvador
C	7	Rio Tinto	1	Técnico de Vendas	11º ano	Especialista Auxiliar	12º ano	
D	7	Porto	3	Pintor	4ª classe	Doméstica	4ª Classe	Tem 1 irmão preso. Mãe desempregada
D	7	Porto	1	TOC	Pós-Graduação em Fiscalidade		Mestrado em Marketing	Pais separados Gémeo do aluno H
G	7	Porto	2	Enfermeiro	Licenciatura	Engenheira zootécnica	Licenciatura	Nunca faz os TPC'S, perturba a aula e tem prazer por ser dos alunos mais mal comportados

G	7	Rio Tinto	0	Aprendiz de	12º ano	Preparador/embalador	9º ano	Não come fruta - pais não querem Mãe desempregada
H	7	Porto	1	TOC	Pós-Graduação em Fiscalidade		Mestrado em Markting	Pais separados Gémeo do aluno D.
J	7	Porto	1	Engenheiro Civil	Licenciatura	Economista	Licenciatura	Bom aluno
L	8	Rio Tinto	1	Construção civil	9º ano	Desempregada	9º ano	Pais separados. Reprovou 1 ano. Dificuldades a português, Muito bom aluno a matemática.
L	7	Porto	3	Empregado de mesa	10º ano	Cozinheira	12º ano	Pais separados. Mãe de nacionalidade Brasileira
M	7	Porto	2	Desempregado	9º ano	Doméstica	9º ano	Excessivamente apegado à mãe
I	7	Porto	0	Comercial	12º ano	Psicólogo	Licenciatura	Aluno muito empenhado mas com muitas dificuldades
I	7	Porto	0	Vendedor	9º ano	Fisioterapeuta	Licenciatura	Pais separados. Aluno muito desinteressado
M	7	Porto	0	-	-	TIA:		Os pais faleceram - Vive com a tia e dois primos. Pai faleceu quando a criança tinha 4 anos. A mãe no início do ano letivo. Criança muito bem disposto e forte psicologicamente.
M	7	Porto	1	Arquiteto	Licenciatura	Designer	Licenciatura	Bom aluno
R	7	Porto	1	Call Center	12º ano	Desempregada	9º ano	Pais separados
R	8	Porto	3	Comerciante (Feirante)	-	Feirante	-	Étnia Cigana. Reprovou 1 ano . Muitas dificuldades: Leitura, contagem de números
R	7	Porto	1	Optometrista	Licenciatura	Administrativa	12º ano	
R	7	Porto	1	Engenheiro Técnico Civil	Bacharelato	Educadora de Infância	Licenciatura	Aluno atento, empenhado, participativo e criativo.

R	7	Porto	2	Professor	Mestrado	Educadora de Infância	Mestrado	Bom aluno, meigo mas muito rebelde
R	7	Paranhos	2	Professora	Licenciatura	Professora	Licenciatura	Bom aluno, atento, reservado e pouco participativo
S	7	Porto	1	Comercial P.M.	Bacharelato	Comercial V.V.F.	Licenciatura	Primo do aluno B.
T	8	Porto	2	Diretor de Qualidade	12º ano	Consultora Imobiliária	12º ano	Pais separados, desatento, imaturo. Não traz lanche, mochila suja e desorganizada

Anexo 7: Grelha de Observação dos Comportamento e Atitudes dos alunos do 2ºB da Instituição B

Nomes	Entra e sai com calma, sem correr	Permanece sentado no lugar, a trabalhar autonomamente	Arruma e cuida do material e do espaço	Demonstra interesse	Realiza as tarefas em tempo útil	Participa nas aulas com oportunidade, não interrompendo desnecessariamente	Cumprir com as orientações do professor
A	F	F	F	F	F	F	F
A	F	F	F	F	R	F	F
B	F	F	F	F	F	F	F
C	F	F	F	F	F	F	F
D	R	F	F	F	F	R	F
D	R	R	R	R	F	R	F
G	R	R	R	R	F	R	R
G	F	F	F	F	F	F	F
H	F	F	F	F	F	F	F
J	F	F	F	F	F	F	F
L	F	F	F	F	F	F	F
L	R	R	F	F	F	R	F
M	F	F	F	F	R	F	F
I	F	F	F	F	F	F	F
I	F	N	F	R	N	F	R

M	F	F	F	F	F	F	F
M	F	F	R	F	F	F	F
R	F	F	F	F	F	F	F
R	F	R	F	F	F	F	F
R	F	F	F	F	F	F	F
R	F	F	F	F	F	F	F
R	R	F	F	F	F	R	F
R	F	F	F	F	F	F	F
S	F	F	F	F	F	F	F
T	R	R	F	R	R	N	R

F- FREQUENTEMENTE R- RARAMENTE N- NUNCA

Anexo 8: Registos de observação sobre a evolução do aluno de etnia cigana da instituição B

Registo de observação 1

No dia 16 de outubro de 2017, a professora estagiária questionou o aluno R. se gostava dos cromos dos animais, ao qual o mesmo me respondeu sim, mas que não tinha muitos. Face a esta situação, a professora estagiária fez um acordo com o aluno, que consistia em que o mesmo trouxesse a roda dos alimentos pintada e fizesse a ficha de trabalho de casa, a professora estagiária dar-lhe-ia alguns cromos.

A professora cooperante considerou engraçada a atitude, mas alertou a professora estagiária que este aluno desde o 1º ano nunca realizara nenhum trabalho de casa e que quando levava fichas para casa, as mesmas desapareciam. Mesmo assim, a professora estagiária decidiu tentar a sua sorte.

No dia seguinte, o R. quando chegou à sala, mostrou a roda dos alimentos pintada, porém a ficha não a tinha realizado por a professora cooperante a ter colado no caderno da escola e o mesmo ter ficado na escola, uma vez que os cadernos não vão para casa.

No fim do dia, o aluno em questão, perguntou à professora estagiária se iria levar algum trabalho de casa, desta forma, a estagiária foi falar com a professora cooperante de modo a perceber se poderia e/ou haveria algum trabalho que ele pudesse levar. Mais uma vez foi alertada pela professora cooperante que o aluno não costuma realizar trabalhos de casa e que apenas trouxera o desenho porque era só pintar, mas outro género de trabalho não realiza. Contudo, a professora em conjunto com a estagiária decidiu arriscar e foi dada ao aluno uma ficha.

Na quarta feira, dia 17 de outubro de 2017 o aluno R., assim que entra na sala, informa a professora estagiária que não teve tempo para realizar a ficha. Neste momento a estagiária ficou desiludida e informou-lhe que como não realizou a ficha não receberia cromos.

Por momentos a professora estagiária pensou ter consigo algo com o “negócio”.

No final da aula, a estagiária comentou a situação com a professora cooperante ao qual novamente lhe dizendo que o sucedido era normal, para não ficar desiludida. Nesse mesmo momento questionou se também o aluno tinha perdido a ficha. A professora estagiária dirigiu-se ao aluno, na qual pediu a capa das fichas. Quando a mesma abriu a capa, reparou que o aluno, afinal tinha realizado a ficha toda que era para trabalho de casa. Foi-lhe questionado o motivo pelo

qual tinha dito que não teve tempo de realizar a ficha, ao qual o mesmo explicou que não teve tempo para fazer as restantes fichas que estavam na capa.

A estagiária ficou radiante. A ficha tinha sido toda realizada e estava minimamente correta, porém cheia de erros, devido às suas grandes dificuldades. No entanto é de realçar o esforço de ter tentado realizar a ficha teria sido uma vez que nunca havia realizado nenhum trabalho de casa. De imediato foi-lhe dado os cromos como era combinado, explicado que as outras duas fichas não eram para fazer, mas que ambas as professoras estava, muito felizes por ter tentado, já que realizou um exercício da segunda ficha. Ao analisar a ficha do trabalho de casa, constatou-se que havia muitas coisas certas, nomeadamente a ordenação das palavras de forma a criar uma frase. Este exercício ao estar correto criou uma certa curiosidade, uma vez que o aluno não lê sozinho, não escreve sozinho e não é capaz de reorganizar palavras sozinho. Desta forma foi questionado se alguém o tinha ajudado, na qual a resposta foi sim e que tinha sido o pai.

Nesse momento a professora estagiária percebeu que estava a ter um papel importante na vida do aluno. Segundo as informações que obteve da professora cooperante, os pais, deste aluno, não ajudam os filhos na realização dos trabalhos de casa e nem os “obrigam” a realiza-los. O facto de o filho ter chegado a casa, ter pedido ajuda ao pai e o pai ter se disponibilizado para o ajudar, foi gratificante e um indiciador que com o conhecimento dos alunos, incluindo os seus gostos, é possível não só os motiva, mas também integrar a família.

O motivo, pode ter sido o menos adequado, dado que realizou os trabalhos de casa em troca de cromos, contudo, esta motivação poderá ser o princípio para começar a fazer os trabalhos e um estudo fora da escola em troca do seu sucesso escolar.

Registo Observação 2

O negócio dos cromos acabou, dado que ele o aluno informou que não precisava demais por ter completado a coleção. Contudo, para satisfação da professora estagiária, o aluno continua a realizar os trabalhos de casa.

Durante a correção dos trabalhos de casa, é questionado, sempre, se teve ajuda, ao qual responde sim. Maioritariamente as ajudas vêm da família, seja pai, mãe e ou irmão. Esta ajuda familiar é muito gratificante, dado que na etnia do aluno, os pais não participam muito na vida escolar do filho.

Quase a dois meses do início do estágio, é notória a evolução que o aluno tem tido. O aluno, durante as aulas da professora cooperante tem auxílio da professora estagiária na realização e explicação das atividades, e por vezes tem atividades adaptadas às suas necessidades para resolver. Quando é a professora estagiária a preparar as aulas, esta tenta planificar atividades que toda a turma seja capaz de realizar. Nas atividades que considera mais complexas para o aluno, ou alunos com mais dificuldades em determinado conteúdo, esta tenta apoiá-lo individualmente, de modo a que tenha uma explicação e um apoio mais pormenorizado de forma a que não se sinta excluído.

Referentemente às atividades adaptadas, a turma tem noção, bem como o aluno, que este faz diversas vezes atividades diferentes, contudo o aluno não se sente excluído e compreende o porquê de ter atividades diferentes:

M: *“Ele está a fazer essas fichas todas diferentes porquê?”*

R: *“Eu faço estas fichas todas para aprender mais e passar de ano, não é professora?”*

Na passada, quarta-feira, dia 22 de novembro de 2017, o aluno comentou com a professora estagiária que gostava de ser “trabalhador de escrever” quando fosse grande. A estagiária não compreendeu o que ele queria dizer com isso e questionou-lhe se queria ser escritor, ao qual respondeu que queria escrever muitas coisas e livros. A estagiária explicou-lhe que essa profissão se chama escritor. A professora estagiária ficou felicíssima pelo aluno ter uma visão mais além e não pensar em querer sair da escola e ir com os pais para a feira. A estagiária ficou muito satisfeita e incentivou-o a insistir no que deseja ser, dado que ele tem muito potencial, contudo deveria primeiro empenhar-se muito na sala de aula, em aprender a ler e a escrever muito bem, só assim conseguirá escrever muitos livros.

Registo de Observação 3

O primeiro período terminou e é de realçar que o aluno R. tem evoluído bastante. Na leitura há palavras que já não soletra, já é capaz de reconhecer a palavra e lê-la corretamente e sem dificuldade. Este reconhecimento deve-se ao facto de o aluno ter trabalhado ao longo do período fichas com palavras específicas o que fez com que ele passasse a decora-las e a reconhece-las, palavras como por exemplo: carro, serra, burro, cão, pão e pau.

O aluno também, durante este período frequentou várias vezes a biblioteca durante os intervalos, que segundo a bibliotecária, não ia a biblioteca ver os livros, mas sim sentar-se e lê-los. Também requisitou duas vezes livros, sendo uma delas um livro que havia sido lido no ano passado e que

ele havia gostado imenso. *“Eu já li este livro professora adriana, é muito giro e quero ler outra vez, no ano passado até fizemos uma baguete”* O aluno confundiu a palavra baguete com maquete, porque ele não conhecia a palavra, quando lhe foi explicado o significado de cada uma ele riu-se.

A nível de matemática o aluno já reconhece os números quase todos até 100 e começa a ter uma maior noção da sequência dos números, algo que no início do ano, o aluno não tinha noção que o número 10 era menor que o número 20. Neste momento a única confusão que o aluno ainda faz é quando chega à transição para outro número, como por exemplo 29, 30. O aluno ainda cai na tentação de dizer 29, 210 “vinte e dez”, 39,310 “trinta e dez”.

Através de uma brincadeira com um lápis, foi conseguido com que o aluno percebesse quais eram os números pares e ímpares. No teste de matemática, comprovou que compreendeu ou decorou, mas acertou o exercício de identificar os números pares e ímpares.

Anexo 9: Nota de campo: Caracterização dos Filmes visionados na prática profissional

Título: Snow White and the Seven Dwarfs (Original) – Branca de Neve e os Sete anões

Ano de Produção: 1937

Sinopse: Uma rainha má e bela resolve, por inveja e vaidade, mandar matar sua enteada, Branca de Neve, a mais linda de todas. Mas o carrasco que deveria assassiná-la a deixa partir e, durante sua fuga pela floresta, encontra a cabana dos sete anões, que trabalham em uma mina e passam a protegê-la. Algum tempo depois, quando descobre que Branca de Neve, continua viva, a Bruxa Má, disfarça-se e vai atrás da moça com uma maçã envenenada, que faz com que Branca de Neve, caia em um sono profundo por toda a eternidade.

Título: Cinderella (Original) - Cinderela

Ano de Produção: 1950

Sinopse: Cinderela, é uma jovem que é obrigada pela madrasta a vestir andrajos e forçada a trabalhar de empregada. Ela tem como únicos amigos os animaizinhos. A fada madrinha lhe dá um lindo vestido de presente, para que ela possa ir ao baile, mas a moça precisa estar de volta até a meia-noite, pois o encanto se desfaz. No palácio, Cinderela, dança com o Príncipe, que fica encantado com ela. Ao fugir do palácio na hora combinada, Cinderela, perde um sapatinho de cristal e o Príncipe, faz de tudo para encontrar a dona daquele sapatinho.

Em seguimento do projeto de sala “Há muito, muito tempo” e em tentar ir ao encontro dos interesses das crianças, a estagiária em conjunto com a educadora, decidiu mostrar um leque de filmes da Disney, seguidos por ordem cronológica. Objetivo destas atividades centram-se em estimular o interesse pelo projeto e verificar diferenças de objetos entre o presente e o passado. *“Estabelecer relações entre o presente e o passado da sua família e comunidade, associando-as a objetos, situações de vida e práticas culturais” (Silva et al., 2016, p.90)*

O primeiro filme a ser visualizado dentro deste tema foi a Branca de neve e os sete anões, filme da qual deu origem a esta atividade dado que as crianças teriam pedido para ver. Durante o visionamento do filme as crianças, com a ajuda da estagiária e da educadora, perceberam que as formas da personagem, Branca de Neve, eram diferentes das atuais, dado que não se notava com tanta clareza os contornos da cara da mesma, bem como das restantes personagens. Também observaram, com a ajuda das docentes, que as cores utilizadas eram quase sempre as mesmas.

No dia 16 de Dezembro de 2016, a estagiária levara o filme a Cinderella, da qual o grupo visionou-o com muito interesse e atenção. No fim da apresentação do mesmo foi observado aspetos do tempo dos avós, como as velas invés de lâmpadas, baldes antigos, caldeirões invés de panelas, poços de água invés de torneiras, lareiras invés de fogões, entre outros.

G: “Eu tenho um caldeirão e galinhas”

No meu ponto de vista esta atividade tem uma boa base para desenvolver competência a nível da área do conhecimento do mundo, nomeadamente o conhecimento do mundo social, dado que o grupo apresenta características de aprendizagens referidas pelas orientações curriculares *“Revela interesse em saber as semelhanças e diferenças entre o que acontece no seu tempo e nos tempos de vida dos pais e avós” (Silva et al., 2016, p.90)*

Anexo 10: Momentos de Partilha



Anexo 11: Maquetes Aldeia VS Cidade



Anexo 12: Momentos de leitura



Anexo 13: Momentos de brincadeira



Anexo 14: Casamento



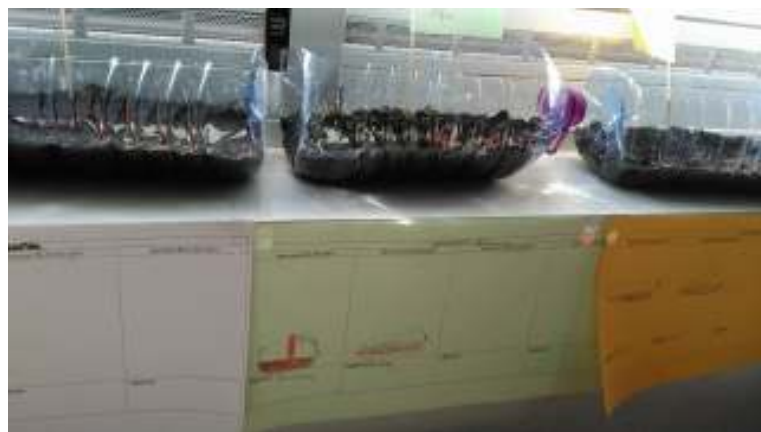
Anexo 15: Atividades de equilíbrio



Anexo 16: Atividades de Sinalização



Anexo 17: Atividades de plantação



Anexo 18: Plantação de Feijão



Anexo 19: Estratégias de práticas promotoras da inclusão

1- Para lecionar o conteúdo dos diagramas de Venn, a estagiária optou por partir de um brinquedo que todos na turma conheciam, os LEGOS, para lecionar o conteúdo.

O objetivo principal era motivar os alunos a participarem na atividade, uma vez que iriam manusear um brinquedo adorado por todos. Um outro objetivo, era incluir todos os alunos num momento lúdico de aprendizagem e possibilitar alguns minutos de brincadeira com o brinquedo, uma vez que nem todos os alunos da sala têm possibilidade de ter e/ou brincar com este tipo de brinquedos fora da escola.



2- O aluno R., ao longo dos períodos letivos tem vindo a evoluir, em especial na área de português. No 2º período o aluno já lia, com algumas dificuldades, mas era capaz de ler autonomamente. Esta evolução foi sentida a partir do momento em que a biblioteca possibilitou a requisição de livros, sendo que o aluno é um dos que mais requisita.

Contudo na área da matemática, o aluno não tem tido evoluções tão notórias quanto a português e por este motivo encontrava-se desmotivado por não conseguir acompanhar a turma na aprendizagem das tabuadas, entre outros conteúdos.

A professora estagiária insatisfeita de ouvir o aluno intitular-se de “burro”, comprometeu-se a ensiná-lo a tabuada, para que o mesmo se sentisse motivado a continuar a querer aprender matemática. Para tal, forneceu ao aluno a mesma ficha distribuída pelos restantes alunos e individualmente começou por lhe explicar a lógica da tabuada.

A professora estagiária sabendo das dificuldades de cálculo mental que o aluno em questão possui, aproveitou o facto de o mesmo gostar de desenhar para o propor a desenhar a tabuada. Inicialmente começamos com bolinhas, em que o aluno desenhava, por exemplo, dois

conjuntos de nove bolinhas equivalente a 2×9 e no fim somava o número total de bolinhas desenhadas.

Posteriormente, elevamos a fasquia, tanto da tabuada bem como dos desenhos. Na tabuada do 4 era pedido que o aluno desenhasse carros e descobrisse quantas rodas existiam no total, por exemplo, dois carros quantas rodas tinham?. Na tabuada do 6, um dos exercicios era composto por caixas de meia dúzia de ovos, 6 ovos, em que o aluno teria de desenhar uma caixa com 6 ovos de forma a descobrir quantos ovos haveria no total, por exemplo, 3 caixas com 6 ovos cada uma.



3- Para abordar o conteúdo dos meios de transporte e das linhas poligonais e não poligonais, a professora estagiária optou por utilizar um fio de lã.

A professora estagiária iniciou a atividade questionando os alunos quem já teria viajado de comboio e se sim qual o destino. Após cada aluno fazer a sua partilha, foi pedido que imaginassem que iriam viajar de comboio até a Aveiro.

A escolha do destino deveu-se ao facto de no ano passado a turma em questão ter ido numa visita de estudo, de comboio, até Aveiro. Partindo das vivencias de todos, foi pedido que cada aluno criasse o seu próprio caminho de ferro do Porto até Aveiro e que depois regressassem para o Porto, porém nunca poderiam vir pelo mesmo caminho, só as estações, pontos de partida e chegada, é que seriam as mesmas.

